

UM IMPRESSIONANTE E ESPETACULAR E
IMPRESCINDÍVEL E ABRANGENTE E PROFUNDO
ESTUDO SOBRE A CEIA DE CRISTO



Estudar a Ceia de Cristo significa em primeiro lugar estudar o termo 'banquete'. E também ao ato da refeição ou de comer. Passa necessariamente pelo significado de 'alimentação'. Cear é, basicamente, fazer uma refeição. O banquete é o ato de cear revestido de solenidade, em comunhão com um grupo de pessoas. A ceia é caracterizada pelo banquetear, pelo ato de comer em comunhão com outras pessoas. O banquete é um ato rico em significados, a começar na primeira vez que o ato de 'cear' ou 'comer' é narrado nas Escrituras. A primeira menção ao ato de 'comer' nas Escrituras é uma ORDENAÇÃO. Grave isso. Porque a Ceia é a PRIMEIRA ORDENAÇÃO concedida a IGREJA por Cristo.

Gênesis 2:16

E **ordenou** o SENHOR Deus ao homem, dizendo: De toda a árvore do jardim comerás livremente,

A primeira menção é uma ordem bem interessante. *Quase tudo* que o jardim das delícias produzir é por direito de vocês. Deus estabeleceu num lugar por natureza CELESTIAL, que o ser humano deve viver por meio de seus frutos. Isso evoca a idéia de 'alimentar-se das coisas divinas' porque o Éden, na verdade, é como se fosse um pedaço do céu na terra, como se fosse uma 'embaixada celestial' no nosso mundo. Os judeus o denominavam de 'Pardes' e compreendiam que o Éden literal havia sido retirado da terra dos homens - após a queda - e hoje encontra-se situado em lugares celestiais. Um antigo conto judaico de poucas linhas falava de quatro sábios (os quatro no Pardes) que foram convocados ao paraíso há centenas de anos atrás e que de lá não haviam voltado ainda. O livro de Apocalipse menciona a presença da árvore da Vida e também essa **continuidade** do Paraíso.

"Aquele que tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas. Ao **vencedor darei o direito de comer da árvore da vida, que está no paraíso de Deus.**
[Apocalipse 2:7](#)

Outra vez o Espírito de Deus concede ao ato de 'comer' tremenda significância espiritual. Na primeira ordenação e na última vez que é mencionado nas Escrituras:

Gênesis 2:17

Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás.

Se alguém tirar alguma palavra deste livro de profecia, Deus tirará dele a sua parte na árvore da vida e na cidade santa, que são descritas neste livro.
[Apocalipse 22:19](#)

A primeira e a última proibição das Escrituras estão relacionadas ao ato de ‘comer’.

Nossos pais e as nossas tradições culturais, assim como as análises científicas, nos ensinam o que devemos ou não comer. O que é bom para a saúde ou não, o que é comestível ou venenoso. Os povos indígenas nos ensinaram o mistério da flora, as tradições da antiguidade a nossa rica herança gastronômica e medicinal de ervas, frutas, folhas, raízes e outros produtos vegetais, minerais animais diversos. A ingestão de determinados compostos poderia nos matar em segundos. Existe uma determinada espécie de caramujo marítimo que produz toxinas tão poderosas que uma gota do veneno extraído de dele poderia matar a 20 pessoas adultas. Semelhantemente no mundo espiritual há coisas que nos são venenosas ou insalubres a alma. Certo tipo de literatura gera depressão; outro gera alienação, outro traduz doutrinas, quais assimiladas podem até corromper atitudes ou corromper uma correta visão das relações humanas.

Logo no ‘início das coisas’ o pecado é relacionado a uma proibição, que por sua vez está relacionada ao ato da **ingestão, ao ato de comer**. A ‘ingestão’ do fruto ‘envenenado’ da árvore do Conhecimento do Bem e do Mal teve o poder da ‘morte’ sobre o ser humano. Não ‘morte’ fisiológica; antes, morte ESPIRITUAL. Aquela coisa ‘mágica’, possuía um poder ‘maligno’ incomparável. Porque ela estava relacionada a uma ORDENAÇÃO, uma LEI divina estava unida a ela, e a ‘ingestão’ da coisa ‘maldita’ abriria um portal para um mundo feio, para um poder oculto, para forças malévolas desconhecidas e difíceis de serem tratadas.

Fisiologicamente falando, é deste modo que um veneno atua no corpo humano. Ele pode paralisar processos biológicos tão essenciais ao funcionamento do metabolismo que pode nos destruir.

ALIMENTAÇÃO

O que significa ‘fisiologicamente’ a alimentação humana? Basicamente significa receber energia e materiais para continuarmos vivendo. Retiramos energia dos alimentos através de inúmeras reações químicas; são milhares de reações diferentes que ocorrem em nosso interior e a energia gerada é transferida para as células de diversas maneiras e, em diversas

formas. Toda a energia dos alimentos é transformada em energia elétrica, magnética, térmica, mecânica, cinética, vibracional, acústica, ótica, etc e os minerais e componentes são processados para gerar as reações químicas, absorvidos para manutenção dos tecidos, ou usados para centenas de outras funções. O ser humano ainda um ‘campo’ desconhecido para a ciência. É importante frisar que a nível molecular nós absorvemos partes do que comemos que se integram ao nosso organismo. Algumas vezes por anos. Há teorias que dizem que o ser humano muda seus componentes internos, a nível molecular, por intermédio da alimentação e da respiração, alterando sua composição original completamente a cada 7 anos. Outro estudo, baseado na medição do carbono-14 no organismo — absorvido do ar pelas plantas que consumimos e, portanto, presente em nosso DNA —, demonstrou que as células também se renovam periodicamente. Isso ocorre por meio de um ciclo constante no qual as células vão envelhecendo e morrendo, sendo substituídas por outras novas. No entanto, embora o corpo passe por uma “recauchutagem celular” da cabeça aos pés em intervalos que variam entre 7 e 10 anos, vale lembrar que as células de diferentes órgãos e tecidos se renovam com ritmos diferentes, dependendo do quanto cada uma precisa trabalhar para desempenhar suas funções. Ou seja, você substitui suas substâncias internas quase que completamente a cada sete anos. Parte de suas células nervosas permanece, no entanto, por toda a vida.

Alimentar-se bem é sinônimo de viver bem, de uma vida sadia, saudável. A má-alimentação é associada à privação, a desnutrição, a fome e por fim a morte.

A riqueza é associada a uma mesa farta. A desgraça a uma mesa sem alimentos. Lembramos do sonho de José e do tempo de prosperidade agrícola egípcia seguida de sete anos de fome e necessidade anunciadas pelo sonho profético de Faraó das sete vacas magras comendo as sete vacas gordas.

A fartura, a abundância de alimentos sempre foi celebrada em toda a terra.

Respirar e alimentar-se são essenciais para a vida. São sinônimos de vida. Essa relação é prefigurada na árvore da vida, é instituída no Éden, é celebrada, de certo modo, em cada refeição.

Para entendermos a profundidade da Ceia de Cristo é necessário compreendermos toda a vasta gama de tradições espirituais, religiosas e culturais que a o banquete traduz ou evoca, os paralelos que nos permitem meditar sobre a riqueza de significados deixados para nós neste simples ato, nesse gesto, **nessa ordenança**. Jesus só ordenou a Igreja **dois atos simbólicos, dois rituais, duas cenas ou representações como uma tradição a ser seguida em todos os locais onde o Evangelho fosse pregado**. A ceia e o batismo.

Isso é muito libertador, mas ao mesmo tempo, constrangedor a alma humana. Nós nascemos envoltos em tradições, imersos em elementos culturais que ditam ou norteiam muitas de nossas atitudes. As religiões são notáveis em atos e gestos litúrgicos, em rituais

ou atos de celebração, tradições que encenam essa ou aquela realidade espiritual. A Igreja nasce de uma religião moldada pelo ritualismo. São centenas de atos litúrgicos, tradições, gestos, atitudes, festividades específicas que emolduram a religião judaica no Velho Testamento. O evangelho a eles pregado é em extremo visual, tátil, sensitivo, teatral, representativo, simbólico.

Compreender ao banquete passa por sua representação literária, cultural, semântica e os seus paralelos.

O BANQUETE E O LÚDICO

Na medida em que entramos no mundo das Escrituras nós leremos as profundas implicações dos banquetes. Antes gostaria de lembrar o caráter LÚDICO dos banquetes. Assim como um jogo, uma brincadeira, o banquete é uma das atividades humanas em que é associado normalmente a uma CELEBRAÇÃO e toda celebração possui o caráter LÚDICO. O LÚDICO é uma dimensão humana, uma dimensão da alma humana e talvez do próprio universo na qual a nossa imaginação ‘brinca’ com associações, com representações. A mente humana lida com vários aspectos da realidade de um modo lúdico, através de representações, como por exemplo, a linguagem. Do mesmo modo o romance, o flerte, o discurso, a música, a pintura, as artes em geral. O primeiro encontro de muitos casais ao redor do mundo em diversas culturas e através da história é realizado por meio do BANQUETE. O jantar romântico com todas as suas representações. O Banquete é inundado de atividades lúdicas diversificadas, tais como o canto, as brincadeiras, as conversas, o riso, acompanhado de instrumentos musicais e mesmo de dança. È comum nos ambientes dos bares, das danceterias, das praças de alimentação dos shoppings o caráter lúdico do banquete ser reforçado ou misturado a música. Em diversos países temos o pagamento do ‘couvert artístico’ da pequena banda que toca durante o período noturno do funcionamento de certos restaurantes. A música é uma presença constante nos banquetes. O lúdico acompanha a refeição. Mas pode estar presente em atividades rituais que lhe caracterizam, que imprimem a sua natureza um significado que extrapola a refeição em si. Nesse contexto temos as oferendas funerárias ainda realizadas nos países asiáticos onde os parentes fazem um banquete para seus entes falecidos e até se servem dos alimentos, eles literalmente comem no cemitério, ou próximo ao túmulo e conversam com os antepassados como se vivos estivessem, falando de como estão passando, de como estão vivendo. Em alguns dramas coreanos e japoneses feitos para a tv podemos ver essas cenas e verificar o respeito (assim como o amor e a saudade) que os mesmos possuem pelos mortos, numa visão moderna, mas cujas raízes são as descritas pelo livro Cidade Antiga, os antigos cultos que invocavam a proteção mágica, espiritual por parte dos antepassados. Outro instante em que podemos ver profundidade do simbolismo na natureza do banquete é através da cerimônia do chá

A CERIMONIA DO CHÁ



A Arte Chinesa e a Cerimônia do Chá possuem uma vasta gama de significados.

A cerimônia do chá japonesa (chanoyu 茶の湯, lit. "água quente [para] chá"; também chamada chadō ou sadō, 茶道, "o caminho do chá") é uma atividade tradicional com influências do Taoísmo e Zen Budismo, na qual chá verde em pó (matcha, 抹茶) é preparado cerimonialmente e servido aos convidados. O praticante de cerimônia do chá precisa ter conhecimento de uma ampla gama de artes tradicionais que são parte integral do chanoyu, incluindo o cultivo e variedades de chá, vestimentas japonesas (kimono), caligrafia, arranjo de flores, cerâmica, etiqueta e incensos — além dos procedimentos formais de seu estilo de chanoyu, que podem passar de uma centena. Assim, o estudo de cerimônia do chá praticamente nunca termina. As artes japonesas, assim como as chinesas incorporam visões da vida, filosofias, metáforas, meditações sobre a espiritualidade, em cada detalhe. Os requintados cerimoniais da arte do chá incorporam a mesma complexidade das REPRESENTAÇÕES espalhadas em cada gesto de diversas atividades lúdicas.



Na arte do Oriente, o olho e a mão foram adestrados à custa de cópia de modelos que concentravam com exatidão a experiência pictórica dos séculos. Entretanto, as regras não tinham como meta a imitação externa das figuras, e sim captar o sentimento que anima a pincelada, cujo movimento organicamente controlado devia coincidir com o modelo. As suas tradicionais formas sociais, os seus costumes mais mágicos que religiosos de aproximação do sagrado, tornam difícil a compreensão do fazer artístico na China. A estética da sua arte reúne todos estes elementos: simbolismo ideológico, extrema antiguidade, evolução particular e complicada dos conceitos artísticos, fundamento mágico-religioso das suas crenças

O SIMBOLISMO DO BANQUETE

Podemos verificar como a realidade do banquete, do jantar, da comunhão através da mesa, a celebração culinária, estão ligadas a muitas leituras, muitas lembranças, tradições, visões espirituais, tradições culturais, que se somam para que compreendamos a profundidade e o significado da CEIA DE CRISTO

Reunindo as tradições sobre banquetes nós temos as seguintes classes:

O Banquete maldito

O Banquete mágico

O Banquete fúnebre

O Banquete real

O Banquete divino

A Boda

O Encontro

O Banquete de Comunhão

O Banquete de Misericórdia.

O Banquete de Celebração

Meditando sobre eles finalmente nós pensaremos sobre a Ceia.

A estrela indiscutível da coleção etrusca é um sarcófago em terracota de um casal que parece estar presente a um eterno **banquete**, enquanto o destaque da seção romana é a cabeça de bronze do imperador romano Adriano, do século 2o. *Folha de São Paulo, 05/07/2009*

O BANQUETE MALDITO

Na vida do rei Artaxerxes II, Plutarco conta que Parisatis, a rainha-mãe, envolvida nas teias e intrigas políticas da corte persa, decide eliminar a nora, a rainha Estatira, dado o ciúme e a inveja que nutria por ela. Para o efeito, organiza um banquete de reconciliação. Escreve

Plutarco, baseado em Ctésias e em Dínon, que, apesar de reconciliadas, as duas rainhas temiam-se mutuamente, pelo que apenas comiam o que a outra também comia e que era servido sempre pelas mesmas mãos. Mas ainda assim Parisatis conseguiu introduzir veneno na refeição, oferecendo à nora um pedaço de carne contaminada. Estatira acabou envenenada, no meio de fortes convulsões e grandes sofrimentos. (Plutarco).

Segundo Plutarco, também a biografia de Alexandre-o-Grande foi influenciada pelo distúrbio ocorrido durante um banquete em que pai e filho se defrontaram, ao ponto de Alexandre se ter retirado com a mãe da casa paterna e refugiado na Ilíria, enquanto Olímpia era levada para o Epiro. Na sequência destes acontecimentos, será relatada a morte de Filipe. Na mesma passagem cita um outro banquete, em que Alexandre promove um concurso de bebida de vinho, acaba por terminar na morte de quarenta e dois dos convivas

Também na vida de Crasso, Plutarco informa que foi com um banquete que Orodes, o rei dos Partos, comemorou, juntamente com Artavasdes, o rei arménio, a derrota romana em Carras, no ano 53 A.C. Segundo o relato plutarquiano, os reis orientais assistiam então a uma representação de *As Bacantes* de Eurípides, viam a cena em que a rainha Agave surge com a cabeça de Penteu. Terá sido precisamente nessa ocasião que um mensageiro entrou no salão com a cabeça de Crasso, que foi aproveitada pelo ator que interpretava Agave, de modo a conferir mais realismo ao momento. Mas, os acontecimentos deste festim pressagiam também o castigo que acabou por cair sobre Orodes e a crueldade demonstrada ao longo da sua vida

A utilização do banquete como tema narrativo ou eixo diretor da descrição dos eventos foi já reconhecida como uma das características do estilo plutarquiano, com particular presença no seu texto “*Vidas*”. A título de exemplo da sua importância, podemos referir o inesquecível passo da vida de António, em que o autor descreve o ambiente no palácio de Cleópatra, em Alexandria, o qual contribui para que o casal protagonista do texto fosse conhecido entre os seus contemporâneos como “**os da vida inimitável**”

O motivo do festim maldito, em particular, aparece nas literaturas antigas desde muito cedo. Apresentamos alguns exemplos. Já na *Odisseia*, no canto em que Circe recebe os companheiros de Ulisses, vemos que a feiticeira os assentou e lhes serviu queijo, cevada, mel e vinho, aos quais juntou terríveis drogas, cujo objetivo era transformá-los em porcos. O banquete de Circe tem, portanto, um objetivo nefasto, anunciando a desgraça que está para acontecer aos companheiros de Ulisses. No mesmo poema, o desenlace da história do regresso de Ulisses a Ítaca dá-se com a organização de um banquete, onde, desde o início, a tragédia espreita. O Poeta refere-se lhe do seguinte modo: - Mas, nenhuma refeição podia ser mais desgraciosa do que aquela que uma deusa e um homem forte estavam prestes a oferecer-lhes.

Noutra cena da literatura grega lemos sobre Licáon que este era um rei piedoso e que por isso mesmo os deuses o visitavam amiúde. Os filhos do rei, contudo, quiseram saber se as visitas da casa eram efetivamente deuses, pelo que mataram uma criança e misturaram as suas carnes com as da vítima que havia sido preparada para o banquete. Os deuses, horrorizados com o que viram, fulminaram os culpados. Uma variante do mito, porém, reza que, tanto Licáon como os filhos, eram ímpios e que, um dia, Zeus decidiu testar o grau da impiedade do homem. Visitou-o, na forma de um camponês, e Licáon, suspeitando de que poderia tratar-se de um deus, decidiu pôr o hóspede à prova, servindo-lhe a carne de uma criança num banquete. A ira de Zeus levou a que Licáon fosse fulminado.

Outro mito em que pontificava o tema do banquete **aziago** era o das Leucípides. A história destas filhas de Leucipo e sobrinhas de Týndaro – primas, portanto, de Helena e de Clítemnestra, as esposas dos Atridas – resume-se à luta que, por sua causa, opôs os Dioscuros, seus primos, a dois outros primos, filhos de Afareu. No festim que Castor e Pólux ofereceram em Esparta a Eneias e Páris, quando estes visitaram Menelau com o objectivo de raptar Helena, os filhos de Afareu, motivados pelo vinho que haviam ingerido, censuraram os Dioscuros por se terem casado sem terem oferecido um dote ao tio. Insultados, Castor e Pólux reagiram e a discussão acabou num violento confronto, que levou à morte de um dos gémeos, bem como de dois dos seus primos.

Como se confirma, são vários os episódios mitológicos gregos, As Histórias de Hérodoto são, aliás, particularmente ricas nesta temática. O autor inclui uma série de banquetes, supostamente factuais – o que não é linearmente exacto –, **em que a desgraça é a protagonista**. Independentemente da fatualidade, interessa-nos destacar **a pertinência da sua presença na narrativa**. A propósito da egípcia Nitócris, por exemplo, o “Pai da História” refere que, depois de lhe terem matado o irmão e entregado o poder, a rainha convidou os egípcios que considerava terem sido os assassinos do parente a participarem num sumptuoso festim. Enquanto eles se banquetevam, a rainha fez cair sobre eles as águas do rio, através de uma conduta secreta.

Em Heródoto, encontramos também o relato de um banquete que evoca os mitos de crianças cozinhadas, acima referidos. No mesmo livro, Heródoto relata também um plano de Crespo e Ciro para aniquilar os Masságetas, seus inimigos. Estes são neutralizados através de um lauto banquete que lhes é oferecido. O abuso da comida e da bebida deixa-os totalmente incapazes de reagir contra os Persas que os atacam.

É ainda em Heródoto que encontramos relato de um outro festim, igualmente marcado pelo desfecho funesto, apesar de essa não ter sido uma intenção premeditada, como acontece com outros casos. Trata-se do momento em que Amintas, rei da Macedónia, convida os Persas a banquetear-se na sua casa. Estes, saciados de comida e de bebida, pedem ao anfitrião que, à maneira persa, as mulheres do palácio se juntem aos convivas, ainda que esse não seja um costume grego. Amintas acaba por anuir, mas os convidados,

embriagados, não se refreiam e começam a exceder-se no seu comportamento, em relação às mulheres presentes. É então que Alexandre, o filho de Amintas, engendra um plano para inverter a situação a seu favor: faz sair as mulheres do festim e as substitui por outros tantos mancebos, vestidos de mulheres e armados de punhais. Estes acabam por matar os Persas, marcando o festim com sangue.

À semelhança de outros episódios herodotianos, também neste reconhecemos a influência da mitologia, mais concretamente do mito das bodas de Deidamia e Pirítoos, acima referido. No livro IX do mesmo historiador, registra-se outro episódio ainda particularmente revelador das contaminações temáticas na historiografia antiga. Trata-se da história da túnica de Xerxes. Heródoto conta que a rainha Améstris, mulher de Xerxes, teria oferecido ao marido uma túnica feita pelas suas próprias mãos. O rei, porém, se viu obrigado a oferecê-la à nora, Artainte, por quem estava apaixonado, e que era também filha da cunhada do rei, por quem ele se havia enamorado antes. Ao tomar conhecimento do que se passara, Améstris elabora o seu plano de vingança e para o efeito aproveita a festa de aniversário do rei, pois sabia que nessa o monarca estava obrigado a atender a todos os pedidos que lhe fossem feitos nessa ocasião.

Améstris decide pedir ao marido que lhe seja entregue a cunhada, mãe de Artainte, que considerava ser a culpada daquela situação. Améstris deixa então emergir a vingança de uma forma atroz sobre aquela que considera sua rival, concretizada com a mutilação sádica e impiedosa do nariz, das orelhas, dos lábios, da língua e dos seios da cunhada. A ocasião que proporciona tamanha barbaridade é precisamente a do banquete real ou “Ceia Real”, como Heródoto lhe chama. Em contexto herodotiano, poderíamos citar ainda o banquete aziago de Atagino, pouco antes da batalha de Plateias, em que um persa prevê a desgraça dos seus conterrâneos no confronto que se aproxima, permitindo o contraste entre a alegria da refeição tomada em comum por Persas e Gregos e a morte que se anuncia e aproxima.

É ainda da historiografia romana que nos chega o relato de pelo menos mais quatro exemplos de festins fúnebres. O primeiro decorreu durante o principado de Cláudio e diz respeito ao processo que desencadeou a execução da sua mulher, a imperatriz Valéria Messalina. É na sequência de um banquete orgiaco de características trágico-dionisíacas que Messalina é acusada de ter praticado bigamia e conspirado contra o imperador. Estas acusações acabarão por levar a imperatriz à morte, bem como muitos dos que com ela se envolveram no festim báquico. O segundo exemplo data do final do mesmo principado. Ou melhor, marca o final desse mesmo principado, dado que Suetónio levanta a suspeita de Cláudio ter sido envenenado durante um banquete que se realizou no Capitólio. O terceiro caso data do principado de Nero e refere-se ao homicídio de Britânico, precisamente o filho de Messalina e Cláudio. Tácito conta, pormenorizadamente, que foi durante um banquete que o jovem príncipe foi envenenado por Nero, através de uma estratégia digna da que Plutarco regista para o episódio de Parisatis e Estatira. É ainda através de Tácito e Suetónio que ficamos a saber que o mesmo Nero maquinou a morte da

própria mãe, Agripina Menor, a quem atraiu a um banquete para depois a fazer entrar num navio preparado para naufragar. Quatro situações fúnebres, germinadas em outros tantos festins. Podemos encontrá-lo, por exemplo, nas culturas do mundo bíblico, em diversos episódios e textos. Na história de José, **a morte do padeiro-mor da corte egípcia é decretada enquanto decorre o banquete de aniversário do faraó**. No livro dos Juízes, o relato da vida de Sansão, recorre ao tema por duas vezes. A primeira enquadra **o relato do casamento do herói com uma filisteia**. Sansão oferece um banquete, em que propõe um enigma a um grupo de jovens. Estes, incapazes de decifrar o que lhes foi apresentado, decidem chantagear a mulher de Sansão, para que ela obtenha do marido a resposta desejada. A filisteia cede e trai o marido. Sansão acaba por revelar-lhe a resposta e a mulher transmite-a aos interessados. Irado por ter sido enganado, Sansão mata os jovens. **A segunda vez contextualiza o episódio da morte do herói**. Conta-se que os príncipes dos Filisteus se reuniram para oferecer um sacrifício a Dagon e celebrar um banquete. É nesse contexto que Sansão, já cego graças à traição de Dalila – o motivo de Dalila como que repete o da mulher filisteia na história do mesmo herói –, se coloca sob as colunas do templo e fá-lo ruir, esmagando todos os que se encontravam no seu interior. No livro de Judite, texto judaico que nos chegou na sua versão grega. Apesar de enquadrado no tempo de Nabucodonosor (secs. VII-VI a.C.), a composição deste “romance” deverá datar do século II a.C., mais especificamente do tempo de Antíoco IV Epifânio (168-163 a.C.). O texto gira em torno de uma bela judia, epónima dos próprios Judeus, que decide tomar parte ativa no conflito que opõe Assiro-babilónios a Hebreus/Judeus, matando um dos generais inimigos. Para isso, Judite aceita participar num banquete organizado pelo inimigo Holofernes, que, vencido pelo vinho, acaba decapitado às mãos da bela mulher. No livro de Daniel, encontramos também um episódio que assume a forma do festim maldito. Trata-se do banquete de Baltasar, no qual o rei babilónio, depois de ter abusado do vinho, decide fazer introduzir no festim os vasos de ouro e prata que Nabucodonosor havia tirado do templo de Jerusalém. Depois de todos os convivas terem bebido pelos objetos referidos, decidem louvar os deuses de Babilónia. É nesse momento que surge do nada uma mão humana que escreve nas paredes do palácio uma frase enigmática. É o profeta Daniel quem acaba por decifrar o seu significado, por indicação da rainha. O enigma anunciava o fim de Baltasar. Diz o texto que “na mesma noite, foi morto Baltasar, rei dos caldeus”. **Uma vez mais, o banquete serve de pretexto para o anúncio da desgraça**. Há ainda dois outros banquetes bíblicos aziagos que não podemos deixar de referir neste estudo, dada a pertinência do seu enquadramento e dos motivos a que dão forma. O primeiro deles é o celebre “Banquete de Herodes”, que assinala o aniversário do tetrarca Herodes Antipas e que motiva a execução de João Baptista. Reconhecemos nesta história, aliás, vários motivos comuns à que assinalámos acima, a propósito de Xerxes, Améstris e Artainte. **São diversos os elementos comuns entre o relato de Heródoto e o que encontramos nos Evangelhos de Mateus e de Marcos**. Estes referem que o tetrarca da Galileia se comprometeu publicamente, no dia do seu aniversário, em oferecer à filha de Herodíade o que a jovem pedisse como recompensa por ter dançado nessa ocasião. A princesa, que

Flávio Josefo **identifica como sendo Salomé, é instigada pela mãe a pedir a cabeça do Baptista num prato.** A forma como a narrativa é apresentada sugeriu já vários estudos, em particular de autores com formação jungiana, que a relacionam com **os antigos mitos telúricos (qualquer narrativa com forças ou poderes espirituais/divinos ligados a natureza ou a terra)**, centrados nas figuras da mãe e da filha. Mas a sua estrutura recorda igualmente o episódio herodotiano do livro IX, em que Ântipas se assume como alter-ego de Xerxes, Herodíade de Améstris e Salomé de Artainte. A comunhão dos dois casos faz-se com o banquete maldito, que acaba por suscitar a desgraça de alguém. O que nos parece indubitável é a semelhança tópica **do leit motiv (motivo principal, fio que conduz a trama narrativa) que dá sentido à narrativa.** Foi já notado que o banquete de Herodes prefigura uma inversão da Ceia. Assim poderá ser entendido, se tivermos em conta a inclusão de ambos os episódios nos mesmos Evangelhos, bem como a funcionalidade de cada uma das narrativas na economia dos textos em que se inserem. Mas consideramos que a Última Ceia, tal como vem narrada nos textos sinópticos, configura igualmente um outro banquete aziago. **Não é em torno desse banquete que se anuncia, processa e concretiza a traição de Jesus de Nazaré por Judas Iscariotes,** que acaba com a prisão do Nazareno e sua posterior condenação e execução?

https://drive.google.com/file/d/0B_fUj9Htg3KaSWRtYnNzbGtEdlE/view?usp=sharing

(Symposion and Philanthropia in Plutarch José Ribeiro Ferreira, Delfim Leão, Manuel Tröster & Paula Barata Dias)

O BANQUETE DE CELEBRAÇÃO

O banquete de Celebração é aquele que celebra uma vitória, uma conquista, uma realização. É a festa de final de ano de muitas empresas, celebradas com jantares e danças, é a festividade pela conquista do campeonato. Eles acontecem após a celebração de grandes negócios. Temos diversos tipos de banquetes de Celebração, do dia dos pais, das mães, de Formatura, aniversários. Nem sempre um banquete de celebração tem uma boa finalidade ou um bom propósito ou serve somente para os propósitos de seus idealizadores. João Batista perdeu sua cabeça que é servida numa bandeja num banquete de celebração. Alexandre o Grande perde 42 convidados numa discussão num banquete de celebração.

O BANQUETE EGÍPCIO

No Antigo Egito, os banquetes eram uma diversão, que as mulheres de categoria não perdiam por nada. A organização para a festividade tinha que ser caprichada, de modo que os convidados guardassem uma excelente lembrança, e a casa tinha que estar perfumada e florida.

A refeição era preparada com fartura de: carnes, peixes, pães e bolos. Vinho e cerveja ficavam em ânforas, a mesa do banquete, servida com uma preciosa baixela composta de taças de ouro, prata e alabastro.

Os anfitriões recebem os convidados com palavras de boas vindas, saúde e invocando a proteção dos deuses; mulheres bonitas, bem vestidas e enfeitadas. As belas damas de finos e leves vestidos transparentes, maquiadas e com penteados de complicadas tranças. O casal anfitrião sentado em cadeiras de madeira e os convidados em cadeiras, bancos e coxins. Marido e mulher estão sempre juntos durante o banquete. uma música é executada, servas oferecem flores de lótus, cones são colocados na cabeça dos convidados, para que quando derretam emanem odores perfumados, o jantar era servido, algumas bailarinas (todas jovens) dançam, eram profissionais e cobravam caro para animarem os banquetes.

Certo autor descreve: “O banquete simboliza muitas vezes a existência do além-túmulo. Não há melhor evocação da beleza eterna do que esse repasto festivo, no decurso do qual cada conviva descobre uma infinita gama de prazeres sutis, do saber de um vinho aos encantos da conversa. O banquete constitui um momento privilegiado, onde todas as formas de vida se entrecruzam”.

O BANQUETE MAÇON

Os Maçons têm por tradição reunirem-se muitas vezes após os trabalhos para realização de um ágape – termo que designa o repasto dos primitivos cristãos. A palavra “banquete” surgiu desse hábito, “pois ela deriva do italiano ‘banqueto’, que era o banquinho em que os primeiros cristãos sentavam-se, durante as ceias comunitárias nas catacumbas, onde se escondiam dos tentáculos do império romano. A dinâmica da vida atual, principalmente nos grandes centros, tem levado muitas Lojas a não realizar os ágapes ao final dos trabalhos maçônicos. Contudo, algumas Lojas têm mantido a tradição da realização anual da Loja de Mesa, tradição que vem da Maçonaria de ofício, ou operativa, e dos primeiros Maçons aceitos, da moderna Maçonaria. ÁGAPESÉ a refeição em que os cristãos primitivos se reuniam para comemorar a última ceia de Jesus Cristo com seus discípulos, e davam-se mutuamente o ósculo de paz e fraternidade. Estava associada à Eucaristia. Ambas essas cerimônias foram depois separadas, e por último os ágapes foram suprimidos pela Igreja, alegando prática de abusos. A Maçonaria moderna (1723) elegia os seus dirigentes por ocasião das reuniões convocadas para o banquete, tendo sido sempre ao redor de uma mesa que se tomavam as decisões importantes

BANQUETE DE COMUNHÃO

O SIMPOSIM E O CONVIVIVUM

Roy Strong é um britânico formado em História pela Universidade de Londres. Durante sua trajetória profissional, dentre outras atividades, integrou a equipe da National Portrait Gallery por seis anos e dirigiu o Victoria & Albert Museum por treze. Interessado na história da alimentação desde o final da década de 1950, foi incentivador de exposições focadas no tema e, desde 1990, escreve artigos relacionados ao assunto. Baseando-se em narrativas literárias e em material iconográfico, o autor elege o jantar – em especial o banquete – para ser o fio condutor de uma viagem gastronômica que envolve refeições suntuosas promovidas desde a Grécia Antiga até o início do século XIX. Strong inicia sua obra tratando dos banquetes da Antiguidade Clássica, em especial dos gregos e romanos, salientando a importância **do symposium** (festa grega na qual se bebia) e **do convivium** (um banquete, jantar de gala romano) como momentos lúdicos, mas também indispensáveis para a agregação e coesão social, bem como para a demarcação do status e hierarquia dos frequentadores. O convivium era desfrutado somente por homens, cidadãos livres, sendo realizado em salas exclusivas e tradicionalmente mobiliadas com divãs, tendo-se em vista o hábito de se comer estando reclinado. No final do período medieval, são introduzidas comidas mais elaboradas e passa a existir grande preocupação com a apresentação dos alimentos. Os banquetes são caracterizados como espetáculos grandiosos e analisados a partir da inclusão do entremet, da ritualização cada vez mais enfatizada e do mapeamento social de anfitriões e convidados (número de convivas acolhidos, estrutura e equipe disponibilizada para a refeição, riqueza dos utensílios de mesa utilizados, possibilidade de ser convidado, local atribuído à mesa e comportamento durante as refeições)

<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/historia/article/viewFile/4655/3806>

O BANQUETE FUNEBRE

Na *Cidade Antiga* Coustes de Falanges narra que o culto dos mortos de nenhum modo se assemelha ao que os cristãos dedicam aos santos. Uma das primeiras regras desse culto era que não podia ser observado senão pelos familiares de cada modo. Os funerais não podiam ser religiosamente observados senão pelo parente mais próximo. Quanto ao banquete fúnebre, que depois se celebrava em épocas determinadas, **apenas a família tinha o direito de assisti-lo, e os estranhos eram severamente excluídos**. Acreditava-se que o morto não aceitava a oferta senão da mão dos parentes, não queria o culto senão de seus descendentes. A presença de um homem que não pertencesse à família perturbava o repouso dos manes. A lei, portanto, proibia aos estranhos aproximar-se de um túmulo. Tocar com o pé, mesmo por descuido, uma sepultura, era ato de impiedade, pelo qual se devia aplacar o morto e purificar-se. A palavra pela qual os antigos designavam o culto dos mortos é significativa: os gregos diziam pratiázein, os latinos parentare, porque as preces e oferendas não eram endereçadas senão aos antepassados de cada um. O culto dos mortos

era, verdadeiramente, o culto dos antepassados. Luciano, sempre zombando da opinião do vulgo, no-lo explica claramente quando diz: “O morto que não deixou filhos não recebe sacrifícios, e fica condenado à fome eterna.

Na Índia, como na Grécia, a oferta não podia ser feita ao morto senão pelos seus descendentes. A lei dos hindus, como a ateniense, proibia receber estranhos, embora amigos, no banquete fúnebre. Era de tal modo necessário que o banquete fosse oferecido pelos descendentes do morto, e não por outras pessoas, que se supunha até que os manes, em sua morada, faziam freqüentemente este voto: “Que nasçam sucessivamente de nossa estirpe filhos que nos ofereçam, na continuidade dos tempos, arroz cozido em leite, mel e manteiga purificada!”

Por essa razão na Grécia e em Roma, como na Índia, o filho tinha o dever de fazer libações e sacrifícios aos manes do pai e de todos os ancestrais. Faltar a esse dever era a mais grave impiedade que se podia cometer, pois a interrupção desse culto provocava uma série de mortes, e destruía a felicidade. Tal negligência era considerada verdadeiro parricídio, multiplicado tantas vezes quantos antepassados possuía o filho negligente.

Se, pelo contrário, os sacrifícios eram sempre observados de acordo com os ritos, se os alimentos eram levados ao túmulo nos dias marcados, então o antepassado tornava-se deus protetor. Hostil a todos os que não descendiam dele, expulsava-os de seu túmulo, castigando com doenças os que dele se aproximavam; para os seus, porém, era bom e compassivo.

Havia perpétua troca de favores entre os vivos e os mortos de cada família. O ancestral recebia dos descendentes a série de banquetes fúnebres, isto é, a única alegria que podia experimentar em sua segunda vida. O descendente recebia do antepassado a ajuda e a força de que necessitava neste mundo. O vivo não podia abandonar o morto, nem o morto ao vivo. Por esse motivo estabelecia-se poderosa união entre todas as gerações de uma mesma família, constituindo assim um corpo inseparável.

Cada família tinha seu túmulo, onde seus mortos vinham descansar um após outro, sempre juntos. Todos os que descendiam do mesmo sangue aí deviam ser enterrados, e nenhum homem de outra família podia ser nele admitido(9). Nele celebravam-se as cerimônias e aniversários. Cada família acreditava possuir antepassados sagrados. Nos tempos mais remotos, o túmulo ficava dentro da propriedade da família, no centro da casa, não longe da porta “a fim de que — diz um antigo — o filho, entrando ou saindo de sua morada, encontrasse todas as vezes os pais, dirigindo-lhe vez por vez uma invocação(10).” Assim o antepassado mantinha-se no meio dos seus; invisível, mas sempre presente, continuava a fazer parte da família, e a ser o pai. Imortal, feliz, divino, interessava-se por aquilo que deixara de mortal sobre a terra; conhecia-lhes as necessidades e amparava-os na fraqueza. E aquele que ainda vivia, que trabalhava que, segundo expressão antiga, não se havia

desempenhado da existência, esse tinha junto a si guias e apoio, que eram os pais. No meio das dificuldades, invocava sua antiga sabedoria; no sofrimento pedia-lhes consolo; no perigo, apoio; depois de uma falta, perdão.

Ora, observamos precedentemente que o direito de oferecer sacrifícios ao fogo sagrado só se transmitia de varão para varão, e que o culto dos mortos não se dirigia senão aos ascendentes em linha masculina. Resultou, portanto, dessa regra religiosa, **que não se podia ser parente pelas mulheres**. Na opinião das gerações antigas a mulher não transmitia nem a existência, nem o culto. O filho recebia tudo do pai. Não se podia, aliás, pertencer a duas famílias, invocar dois lares; o filho não tinha, portanto, outra religião nem outra família que a do pai. Como poderia, pois, ter uma família materna? Sua mãe, durante a celebração dos ritos matrimoniais, renunciara de modo absoluto à própria família; desde esse tempo oferecera banquetes fúnebres aos antepassados do esposo, como se fora sua filha, e não oferecia mais a seus próprios antepassados, porque não era mais considerada como descendente deles. Não conservava laços nem religiosos, nem de direito com a família na qual nascera. Com muito mais razão, portanto, seu filho nada tinha a ver com essa família.

O princípio do parentesco não era o ato material do nascimento, era o culto. Isso se pode ver claramente na Índia. Aí, o chefe de família, duas vezes por mês, oferece o banquete fúnebre; apresenta um bolo aos manes de seu pai, outro ao avô paterno, um terceiro ao bisavô paterno, e jamais àqueles dos quais descende pelas mulheres. Depois, subindo mais alto, mas sempre na mesma linha, faz uma oferta ao quarto, ao quinto e ao sexto ascendente, com a diferença de que para estes a oferenda é mais reduzida: uma simples libação de água, e alguns grãos de arroz. Esse é o banquete fúnebre, e é pela observância desses ritos que se mede o parentesco. Quando dois homens, que oferecem separadamente seus banquetes, remontando cada um a uma série de seus ancestrais, encontrarem um que seja comum a ambos, esses dois homens são parentes. Chamam-se samanodacas, se o antepassado comum é daqueles a quem se oferece apenas libação de água; e sapindas, se lhe oferecem também um bolo. Calculando, de acordo com nossos costumes, o parentesco dos sapindas iria até o sétimo grau, e a dos samanodacas até o décimo quarto. Em um e outro caso o parentesco é conhecido pelos sacrifícios comuns, e por esse mesmo sistema vê-se por que o parentesco pelas mulheres não pode ser admitido.

O BANQUETE DIVINO

. Segundo as velhas crenças religiosas, alguns alimentos podiam dar vida eterna.

· Os gregos acreditavam que os deuses usavam um alimento chamado ambrosia. Quem dele comesse se tornava imortal, ganhando uma vida eterna. Esse alimento tinha certa ligação com um néctar.

- Para os hindus, esse alimento divino da imortalidade seria o amrita ou soma.
- No zoroastrismo, o haoma seria a bebida equivalente ao soma.
- Segunda a mitologia nórdica, havia um pomar, onde as maçãs podiam dar vida eterna.
- Na mitologia chinesa, encontramos os pêssegos da imortalidade. .

Os banquetes da antiguidade estavam profundamente conectados com as divindades. Havia um caráter litúrgico nos rituais dos banquetes oferecidos as divindades. As escrituras denominam esses banquetes oferecidos as divindades de ‘oferendas ou oblações’. São similares as ofertas do santuário, as ofertas previstas pela lei. Perceba que a totalidade das ofertas é feita de itens comestíveis? Tudo era ‘alimento’, farinha, azeite, cordeiros, bodes, touros, novilha. Os frutos das primícias, fosse o que fosse, tudo poderia ser colocado na mesa de uma família. Havia no interior do tabernáculo uma mesa na qual eram postos pães que eram diariamente renovados, chamada de ‘mesa dos pães da proposição’ que também eram itens culinários. Tanto que um dia ao passar fome durante uma expedição Davi tomou os pães que iriam ser trocados e os comeu... num sábado...

Os israelitas festejavam pelo menos sete festas oficiais diferentes.

Festa	Época da Festa
Páscoa	Primeiro mês, no décimo quarto dia
Pães Asmos	Primeiro mês, do décimo quinto dia ao vigésimo primeiro
Primeiros Frutos Asmos	(Primícias) Primeiro dia após o Sábado dos Pães
Pentecostes	50 dias após a Festa dos Primeiros Frutos
Trombetas	Sétimo mês, no primeiro dia
Expição	Sétimo mês, no décimo dia
Tabernáculos	Sétimo mês, no décimo quinto dia ao vigésimo primeiro

Além destas foram acrescentadas as seguintes:

- HANUKÁ: Nesta festa, acende-se um candelabro de oito braços para lembrar que, depois da purificação do Templo, na época dos Macabeus, foi aceso novamente o candelabro. Era a festa da inauguração do segundo Templo (II sec A.C.)
- PURIM: Por Ester ter impedido, na Pérsia, o assassinato em massa dos judeus (cf. o livro de Ester), estes celebram a festa popular do Purim, em que as crianças saem mascaradas e recebem presentes.
- DIA DAS EXPIAÇÕES: Celebrado cinco dias antes da festa dos Tabernáculos. Durante 24 horas o povo se abstinha de qualquer alimento e se reunia no Templo, onde o Sumo Sacerdote realizava, solenemente, o rito de expiação pelas suas faltas e pelas de todo o povo.
- ROSH HASHANA: é a festa do Ano novo, celebrada dez dias antes da festa da expiação. É também uma festa austera.
- DEDICAÇÃO: Realizada para celebrar o aniversário da purificação do Templo, após a vitória de Judas Macabeu em 164a.C.

Verifica-se que a Escrituras é riquíssima nas atividades lúdicas refletidas no banquete. Em todas as festas acima temos a celebração através de VINHO e PÃO e diversos outros alimentos. Somente na festa dos pães ázimos (asmos) os pães eram comidos sem fermento. O pão era um dos alimentos dessa festas em particular, havia dezenas de outros alimentos.

Além das festas religiosas havia OUTRAS que ocorriam paralelas, em eventos especiais, em convocações reais, as celebrações de nascimento, de emancipação, de noivado, celebração de contratos e claro, CASAMENTOS.

Os israelitas celebravam banquetes divinos, festas instituídas por Deus num mundo em que também havia centenas de celebrações. Em toda terra festas foram comemoradas por meio de banquetes, tanto para a vida como para a morte. Começa na Lei Mosaica uma perspectiva diferente nas festas do povo de Deus, nelas não existiriam rituais ou oferendas, banquetes ou JANTARES com os mortos. Todas as festas e celebrações faziam referencia a VIDA.

Menos uma delas. Que pertence à classe dos ‘banquetes malditos’

O BANQUETE E A MORTE

De modo profundo Jesus realizará a ceia durante a celebração da páscoa. Jesus era o *cordeiro que tirava o pecado do mundo* e a ceia seria para a IGREJA o equivalente a páscoa no velho Testamento. A IGREJA comemora a páscoa o faz por tradição cristã. Não é uma ordenação ou revelação do Espírito genérica ou geral para as igrejas no Novo Testamento. Porém TODA VEZ que a IGREJA de CRISTO realiza a CEIA ela CELEBRA a páscoa, ela relembra, evoca ao significado da páscoa. Na ceia temos a sombra da libertação de Israel da terra do Egito, assim como a nossa do ‘Egito’ espiritual denominado por Cristo de ‘mundo’.

A páscoa. A páscoa celebrava a morte do cordeiro cujo sangue seria passado nos umbrais das portas das casas dos israelitas para que o anjo da morte não os tocasse no dia da décima praga, a da triste morte dos primogênitos na terra do Egito. A páscoa evoca morte em todas as suas dimensões, evoca a morte anunciada, a morte realizada, o perigo da morte (o anjo da morte), a morte do inocente por sacrifício (o coitado do cordeiro), a morte dos inocentes pela profecia (a morte dos primogênitos que eram crianças). A páscoa israelita, era PROFÉTICA, apontava para uma morte anunciada.

Dos Banquetes divinos temos em relevo o encontro de Abraão com Deus e dois anjos que JANTAM com ele, comendo um guisado preparado por Sara. Temos ainda a cena maravilhosa quando Ló abriga dois anjos e com eles come uma refeição noturna, incluindo pães ázimos (sem fermento). Significa que anjos tomaram sopa, beberam vinho com especiarias, comeram frutas! Uma cena em que uma família humana abrigou sem saber a seres angelicais, e com eles teve uma ceia de comunhão. Essa cena também é importante.

O BANQUETE MÁGICO

Antes de prosseguir, milhares de ‘banquetes’ seriam realizados no mundo estranho de então. Dentre eles vamos as piores representações. Os oficiantes dos banquetes realizados em honra de Baal, Astaroth, Tamuz, El e outros vestiam-se a rigor. Possuíam vestes, treinamento, eram exímios cozinheiros. As refeições oferecidas eram reais, eram preparadas com carinho, com rituais, com temperos, com ingredientes muitas vezes EXCLUSIVOS. Se pudesse diria que a culinária nasceu nos templos. Os sacerdotes-cozinheiros ou as oficiantes das oferendas faziam ‘banquete dos deuses’ que significa mais ou menos o que compreendemos hoje em dia, uma comida sofisticada, pratos e iguarias preparados segundo receitas exclusivas que somente determinadas autoridades ou clérigos poderiam participar. Perceba a cena, os oficiantes com roupas exclusivas para o evento, usando recipientes separados para isso e a participação no ritual era algo permitido somente a determinada camada da nobreza, muitas vezes somente os reis participavam desta comilança ou banquete, que também era acompanhado de ritos musicais, danças, cantos e orações. Aquilo fortalecia a unidade entre os soberanos da antiguidade e seus deuses, como se somente aos reis em virtude de sua origem celestial fosse dado o direito de participar de tais banquetes. A reivindicação da realeza de muitos povos do oriente da antiguidade era fortalecida pelo direito que eles tinham ao banquete dos deuses. Tal prática adquiria um caráter místico maligno quando misturado com necromancia. Chegamos no banquete MÁGICO. Além do culto aos mortos, oferecido aos mortos, havia o culto onde os mortos eram convidados a participar. Em rituais de magia. Onde feiticeiros e magos invocavam poderes e forças do além, ingerindo drogas e ervas para conexão com o mundo dos mortos. Veremos essa cena pelo menos duas vezes nas Escrituras. Com Saul e a Pitonisa e com Balaão. Os profetas falam da ‘oferta aos demonios’. Paulo fala sobre a participação

da Igreja na festa pagã da deusa Diana e fala sobre ‘comunhão entre a mesa de Cristo e a mesa dos demônios’ que vai passar diretamente por esse aspecto dos banquetes religiosos da antiguidade. Invocação de poderes em um ambiente que lembra um BANQUETE. As primeiras manifestações espiritualistas que dão origem ao espiritismo moderno são ao redor de uma MESA DE JANTAR. Nos templos da antiguidade acontecia uma mistura de rituais que misturava o consumo de ervas, afrodisíacos, alimentos especiais e sexo. Algumas festividades ou banquetes eram não somente regados a vinhos misturados com especiarias. Estavam envolvidas em festas carnais, festas sensuais. Veremos uma destas festas acontecendo no Livro de Daniel, o sensual banquete de Belsazar. E no mais pérfido nível, temos os ritos que envolviam ‘banquetes humanos’ oferecidos as divindades. Foram esses tais ‘banquetes’ que queimaram crianças às divindades cananeias, em especial a Ball-Ecrom e a Tamuz, que culminaram com a expulsão sumária das sete antigas nações que habitavam a terra prometida.

O BANQUETE REAL

Temos ainda como pano de fundo:

Os sete jantares realizados no livro de Ester, o livro de Ester é o livro dos sete banquetes.

O banquete internacional do rei Assuero (Ester 1:3)

O banquete de Assuero para os habitantes de Susã (Ester 1:5)

O banquete das mulheres dado pela rainha Vasthi na casa das mulheres (Ester 1:9)

O banquete internacional da coroação da nova rainha (Ester 2:18)

O primeiro banquete de Ester oferecido ao rei Assuero (Ester 5:4)

O segundo banquete de Ester, onde ela revela sua identidade (Ester 5:7)

E o banquete da festa de Purim, da celebração da salvação (Ester 9:20-28)

Falando somente sobre o primeiro banquete:

O rei Assuero realizou uma festa com banquetes que durou cerca de seis meses. Seis meses de festa. Seu propósito era enaltecer seu império, celebrar suas conquistas, a grandiosidade de seu reino, cuja extensão era maior do que de qualquer império conhecido até então. As descrições sobre cada detalhe do palácio persa em Susã são minuciosas. Porque quem

descreveu a festa estava presente. No final dos 180 dias, de danças, cânticos, foram convidados todos os moradores da cidadela de Susã, dos arredores do palácio para uma cena impensada.

Pela primeira vez o palácio foi aberto a visitantes que não fossem nobres. Por sete dias o povo poderia contemplar o que havia de mais suntuoso na terra. Em determinado momento, para deixar bem claro sua riqueza, e demonstrar sua generosidade, o rei Assuero proclamou o mais interessante dos editos jamais firmados. Escreveu em meio a festa que ordenava que os convidados bebessem do vinho real, até o quanto pudessem aguentar, sem limites. O vinho que seria disponibilizado era caríssimo, escolhido das melhores vinhas dos milhares de quilômetros do reino da Pérsia e de usufruto exclusivo dos ministros e altos funcionários da corte real. Durante esse período de festa, como nunca antes deve ter acontecido na terra, além de qualquer festival conhecido, um banquete em separado é dado às mulheres na casa das mulheres.

O rei possuía um imenso harém real, com belíssimas concubinas e esposas. A rainha de Assuero era belíssima. Chamava-se Vasthi. No dia de maior abundância de distribuição de vinho, para culminar a grandiosa festa o rei Assuero, já meio alterado **por tanto vinho** mandou convocar a rainha Vasthi, para apresentá-la a todos os presentes. Queria mostrar a beleza da mulher mais poderosa da terra, a esposa do rei. Envia então não um, mas sete eunucos, oficiais do alto escalão, únicos homens que podiam entrar no palácio das mulheres – por não poderem gerar filhos, eram castrados quando ainda bebês – até a casa das mulheres para entregar a convocação.

Uma honra e um dever, já que só pode se apresentar diante de um rei persa as pessoas que forem pessoalmente por ele convocadas, ou aquelas que ele assim consentir. Para as pessoas que estavam presentes aquilo constava ser um grandioso privilégio, o qual para a maioria jamais ocorreria uma segunda vez.

Nesta festa o rei queria ser glorificado. Que na história ficasse claro que nenhum reino jamais se igualou em riqueza ou poder com o dele. Os persas

O ENCONTRO

O BANQUETE EM CÂNTICO DOS CÂNTICOS

E temos os maravilhosos banquetes de Cantares de Salomão. Quando Salomão convida a Sunamita a ir a uma taverna da antiguidade ainda disfarçado de pastor, logo no início do texto (Levou-me a sala do banquete, seu estandarte sobre mim era o amor), quando ele se casa com Sunamita na fazenda e é coroado por Betseba em seu casamento (Vejam a coroa de flores com que sua mãe o coroou no dia de seu casamento, no dia de alegria de seu coração) temos ao jantar angustiada junto com as filhas de Jerusalém após ser espancada pelos guardas da cidade, quando ela descreve para as moças como era seu noivo fujão (seus

olhos são negros como o corvo), temos a fabulosa festa da Dança de Maanaim (a festa onde Sunamita ROUBA ao coração do rei dançando e termina embriagada adormecendo – capítulo 7 de Cantares), temos a ceia no amanhecer onde ela já desposada volta para as vinhas não como trabalhadora e sim como supervisora – final do capítulo sete de Cantares (frutos novos e velhos eu colhi para ti) e uma festa celebrada entre Salomão e os trabalhadores da vinha no capítulo 8.

OS DEMAIS BANQUETES NAS ESCRITURAS

As Escrituras vão tecendo uma comunhão com Deus, celebradas com jantares em diversas situações. (Digno mencionar agora que lembrei que há um grupo denominado Homens de Negócio do Evangelho Pleno que realizam seus evangelismo baseados em jantares em hotéis e locais de convenções.)

Um dos mais tremendos encontros entre Deus e o ser humano ocorre justamente quando Abraão tem um ‘jantar’ com Deus e dois anjos. Em outro momento o anúncio sobre um dos mais extraordinários homens que já viveram é concedido por um anjo convidado para jantar por Manoá, pai de Sansão. Quando Sansão morre, é realizada uma celebração, um grandioso jantar onde Dalila dança – certamente – comemorando a transitória vitória sobre o herói israelita – Foi num jantar que Sansão dá início à guerra contra os filisteus, quando desposa uma filisteia e em virtude de uma aposta vai até uma cidade vizinha e enfrenta e vence a 30 homens.

A BODA

A BODA DE CANÁ

É numa celebração, num casamento, numa boda, que Jesus inicia seu ministério. A primeira coisa que Jesus faz é participar de uma celebração, e seu primeiro milagre é transformar água em vinho novo, vinho de excelente qualidade. Na época era costume das famílias menos abastadas comprarem o vinho mais caro e logo o usarem no início da cerimônia para os convivas, aguardarem eles ficarem menos sóbrios ou bêbados e após iniciarem a distribuição de um vinho de inferior qualidade, para que não percebessem que tinham comprado vinho inferior, afinal, já estariam todos meio que bêbados e não faria tanta diferença. Só que o expediente já era esperado pelos mais velhos, que conheciam bem a tática. A família para qual Jesus foi convidado, no entanto, era extraordinariamente correta. Eles não possuíam muito dinheiro, e resolveram gastar até o último centavo que possuíam com vinho de excelente qualidade. Que durou muito pouco. Preferiam a vergonha de dizer que o vinho acabou que oferecer vinho de péssima qualidade. Eram pais corajosos. Porém, era um ato incomum. Altruísta, mas incomum. Não queriam viver de ‘aparências’ não tinham vergonha de mostrar seus recursos limitados. Mas, a filha ia matar os pais, com certeza. Então Maria olha para Jesus. Que compreendeu perfeitamente a situação. Ele ri. “mulher ainda não chegou a minha hora” não é uma repreensão para sua

mãe. É Jesus se perguntando a si mesmo o que ela imaginava que ele poderia fazer. Essa cena é muito interessante. Há um mistério nesse encontro de olhares, nessa situação engraçada. Trágica e engraçada. A cena a seguir é mais engraçada ainda. Maria por sua conta e risco vira-se para dois empregados e lhes diz: “façam tudo quanto ele ordenar vocês pra fazerem” E sai de fininho...

O BANQUETE DE MISERICÓRDIA

É a festa oferecida aos que não possuem condição de participar contribuindo ou pagando. É caracterizado nas Escrituras pela festa de PURIM:

Os judeus, porém, das aldeias, que habitavam nas vilas, fizeram do dia catorze do mês de Adar dia de alegria e de banquetes, e dia de folguedo, e de mandarem presentes uns aos outros. Mardoqueu escreveu estas coisas, e enviou cartas a todos os judeus que se achavam em todas as províncias do rei Assuero, aos de perto, e aos de longe, Ordenando-lhes que guardassem o dia catorze do mês de Adar, e o dia quinze do mesmo, todos os anos,

Como os dias em que os judeus tiveram repouso dos seus inimigos, e o mês que se lhes mudou de tristeza em alegria, e de luto em dia de festa, para que os fizessem dias de banquetes e de alegria, e de mandarem presentes uns aos outros, **e dádivas aos pobres.**

Essa é a festa de misericórdia que Deus concederia a todos os povos através de Cristo, profetizada no *magnificat* de Maria:

Disse então Maria: A minha alma engrandece ao Senhor, E o meu espírito se alegra em Deus meu Salvador; Porque atentou na baixaza de sua serva; Pois eis que desde agora todas as gerações me chamarão bem-aventurada, Porque me fez grandes coisas o Poderoso; E santo é seu nome. E a sua misericórdia é de geração em geração Sobre os que o temem. Com o seu braço agiu valorosamente; Dissipou os soberbos no pensamento de seus corações. Depôs dos tronos os poderosos, **E elevou os humildes. Encheu de bens os famintos,** E despediu vazios os ricos. Auxiliou a Israel seu servo, Recordando-se da sua misericórdia; Como falou a nossos pais, Para com Abraão e a sua posteridade, para sempre. Lucas 1:46-55

Desde a época de Ester se espalharam em Israel ‘casas de misericórdia’ locais que anualmente recebiam dádivas, presentes e alimentos para os menos favorecidos. Diante da lagoa de Silóe havia uma dessas casas.

O banquete de misericórdia é o das instituições de caridade, as festas de amor, a distribuição de bens e alimentos aos famintos, e é também retratada na parábola de Cristo:

E dizia também ao que o tinha convidado: Quando deres um jantar, ou uma ceia, não chames os teus amigos, nem os teus irmãos, nem os teus parentes, nem vizinhos ricos, para que não suceda que também eles te tornem a convidar, e te seja isso recompensado. Mas, quando fizeres convite, chama os pobres, aleijados, mancos e cegos, E serás bem-aventurado; porque eles não têm com que to recompensar; mas recompensado te será na ressurreição dos justos.

E, ouvindo isto, um dos que estavam com ele à mesa, disse-lhe: Bem-aventurado o que comer pão no reino de Deus.

Porém, ele lhe disse: Um certo homem fez uma grande ceia, e convidou a muitos. E à hora da ceia mandou o seu servo dizer aos convidados: Vinde, que já tudo está preparado.

E todos à uma começaram a escusar-se. Disse-lhe o primeiro: Comprei um campo, e importa ir vê-lo; rogo-te que me hajas por escusado. E outro disse: Comprei cinco juntas de bois, e vou experimentá-los; rogo-te que me hajas por escusado. E outro disse: Casei, e portanto não posso ir. E, voltando aquele servo, anunciou estas coisas ao seu senhor. Então o pai de família, indignado, disse ao seu servo: Sai depressa pelas ruas e bairros da cidade, e traze aqui os pobres, e aleijados, e mancos e cegos. E disse o servo: Senhor, feito está como mandaste; e ainda há lugar. E disse o senhor ao servo: **Sai pelos caminhos e valados, e força-os a entrar, para que a minha casa se encha.** Porque eu vos digo que **nenhum daqueles homens que foram convidados provará a minha ceia.** Lucas 14:12-

24

Todas essas cenas se somam para que possamos ENFIM compreender a MAGNITUDE da Ceia do Senhor. Ela reúne até certo ponto todos os elementos anteriores. Ela é fruto de uma ato de traição que resulta na morte sob tortura de um homem justo, logo a que dá origem a ceia da Igreja é um Banquete Maldito ou banquete de desgraça. Não que a Ceia seja um banquete aziago, mas tem essa lembrança, essa triste reminiscência. Ela é um banquete DIVINO, onde estamos em comunhão humana, mas também com Cristo através do Espírito de Deus. É um banquete real, já que ceamos em memória de quem agora é REI. Nós homenageamos alguém que virá para REINAR e que está assentado com a Direita do Pai, tendo DOMÍNIO sobre todas as coisas. Logo é um banquete real. É também um banquete mágico! Porque ele possui um caráter SOBRENATURAL. Ele é uma comunhão mística, espiritual, que agrega uma unidade espiritual da IGREJA e uma unidade espiritual com o ESPÍRITO DE DEUS. Ela é um rito de comunhão entre espíritos humanos e o espírito de Deus. Tem coisa mais mágica que isso? Tem uma

PROFECIA contida na CEIA. Ela PROFETIZA um BANQUETE DE BODA, o banquete final, conclusivo, que é a CEIA DO CORDEIRO. Toda ceia aponta para os céus, aponta para a CELEBRAÇÃO FINAL DA vitória em Cristo, celebração divina, angelical, a reunião que reúne os santos da igreja do Velho Testamento, a igreja dos que dormiram em Cristo, os anjos e os que estiverem vivos na terra durante o arrebatamento. Por duas vezes Jesus dirá SOLENEMENTE: Não BEBEREI do fruto da vinha ATÉ que venha o Reino de Deus. Repetido por três evangelistas: Marcos e Mateus e Lucas.

Ele cumpre LITERALMENTE essa promessa até na CRUZ. Quando o soldado romano molha o 'vinagre' que era uma espécie de vinho fermentado com mandrágora ou raiz equivalente, Jesus SE RECUSA A BEBÊ-LO! Porque, estragado ou não, deteriorado ou não, aquilo AINDA era vinho e Jesus AFIRMOU que só beberia vinho novamente quando viesse o reino de Deus. Ou seja, CONOSCO.

A Ceia evoca ao banquete fúnebre porque celebra a morte de Jesus, ela é referenciada PROPOSITAMENTE. Não nos é associado um banquete de celebração de nascimento. A Ceia de natal não é ordenança, ela não é solicitada por Cristo. A celebração do natal é uma tradição cristã acrescida a posterior, mas não é espiritualmente similar a Ceia. Nem de longe. Ao associar a ceia com sua morte Jesus praticamente tornou similar a ceia a muitos costumes similares ao redor do mundo realizados como atos fúnebres. Há um resgate do ser humano do poder da morte, das tradições mortuárias, um resgate da desesperança. E ao mesmo tempo uma proximidade cultural, uma aproximação da realidade humana. Jesus é o Sumo-Sacerdote da humanidade, ele aproxima-se das tradições asiáticas, indianas, chinesas, japonesas, etc. Dando a elas uma nova e profunda leitura. Há uma pregação evangelística na Ceia, um convite inusitado de um ex-morto. Ele ao instituir a ceia, sabe que ressuscitará, sabe que a morte em seu caso será TRANSITÓRIA. Em toda a terra muitos choram a perda de parentes, definitivamente. Em Cristo essa associação é revestida de assombro, há uma surpresa, há algo nela que diz respeito a TODO ser humano que está sobre o poder da morte. Há um convite na Ceia. Um convite para participar da dor de sua morte e da alegria de sua ressurreição. E pela comunhão com Cristo, alimentando-se DELE, receber o direito a vida eterna. A Ceia de Cristo celebra a páscoa de Moisés

A Ceia celebra um ENCONTRO. No dia em Jesus convoca a ceia é o dia em que na páscoa o cordeiro pascal seria imolado, é também um dia em que os pães são comidos sem fermento.

Os preparativos para a páscoa na época de Jesus iniciavam-se até um mês antes. Rituais de purificação e outros arranjos preliminares eram feitos segundo os ensinamentos dos Rabis. No sábado anterior à festa, o Grande Sábado, deveriam fazer orações e ritos especiais, tudo com vistas à festa. No dia 10 de Nisan o cordeiro do sacrifício era escolhido.

Na semana da festa pascal todas as vinte e quatro turmas de sacerdotes ministravam no Templo e repartiam entre si o que lhes tocava dos sacrifícios e dos pães da proposição durante a festa.

Logo pela manhã do dia 14 começava a Páscoa. Na Galiléia nenhuma outra obra era feita durante todo aquele dia; na Judéia o trabalho continuava até o meio dia, sendo de notar, contudo, que embora nenhuma nova obra devesse ser começada, a que estivesse adiantada podia ser concluída. Só em Jerusalém se podia sacrificar e comer o cordeiro pascal. Outra proibição era a de comer coisas fermentadas. O fermento era todo jogado fora até, no máximo, às 12 horas do dia 14 de Nisan. O cordeiro pascal deveria ser comido por no máximo 20 e no mínimo 10 pessoas. O grupo que participou da ceia com Jesus era composto dele e dos 12, seguindo de perto a tradição. Além do cordeiro, compunha a refeição pascal: vinho, pão, verduras, ervas amargas, marmelada e frutas, tudo com vários condimentos.

O banquete da páscoa transcorria da seguinte maneira: começava com o erguer do primeiro cálice, pelo chefe da família ou grupo, que pronunciava a seguinte fórmula de ação de graças “louvado sejas tu, Javé, nosso Deus, Rei do Mundo, que criaste o fruto da videira”. A seguir tomava-se a entrada da refeição: verduras e ervas amargas, junto com uma sopa simples. Enquanto não se servia o banquete principal, o segundo cálice era servido aos participantes. Depois então o líder dava início a liturgia da páscoa propriamente dita. Uma criança ou outro participante perguntava: “Por que estamos celebrando esta refeição?”. O chefe da casa respondia com o relato da saída do Egito. O texto usado mais freqüentemente era (Dt 26:5-11), acompanhado de devida interpretação. Ênfase especial era posta no cordeiro pascal, que lembrava a misericórdia de Javé, e também nas ervas amargas, que lembrava o sentido amargo da escravidão sob jugo do Faraó e, enfatizava-se ainda os pães ázimos, os quais lembravam à rápida libertação do Egito. Depois desta liturgia vinha então o banquete.

PORÉM outra coisa acontecia juntamente coma comemoração da páscoa. Uma antigo costume.

Bem Gamaliel, famoso rabino, fala sobre o costume das meninas correrem nas vinhas fugindo de pretendentes como as festas das vinhas ou festas de Benjamim retratadas em Cantares de Salomão. E enquanto eles corriam atrás de suas futuras noivas recitavam versos de Cânticos dos Cânticos. A partir do século V depois de Cristo atestou-se que havia o uso LITÚRGICO de Cantares durante a páscoa. Ou seja, só oficializaram o que já acontecia já há séculos. Os judeus liam no primeiro e no oitavo dia da pascoa ao livro de Cantares. Interessante que durante a crucificação seja o momento da morte do cordeiro no templo e que também trechos de Cantares estejam sendo lidos e que jovens estejam correndo nas vinhas para buscar suas noivas. O verso áureo de Cantares é “porque o amor é duro como a morte e mais forte do que a sepultura é o ciúme!” Que é uma profecia que

nos lança diretamente a crucificação, o amor de Jesus por sua Igreja que é tão grande que ele aceita morrer por ela e a saudade tão imensa dela que por ela vence a sepultura. Cantares profetiza a paixão de Cristo, toda ela, num único verso! A ceia simboliza o Encontro, é quando a noiva encontra-se com o noivo, e dele recebe presentes. Paulo afirma que quem ceia indignamente fica doente, fraco e até dorme (morre). Isso ao mesmo tempo, por contradição, significa que quem ceia dignamente vem a ficar curado, é fortalecido e até mesmo pode vir a despertar! (ressuscitar).

A LITURGIA

A ceia então é uma releitura de todos os banquetes das Escrituras, em especial de um momento de comunhão, é uma festa divina, cujo FORMATO nos é esboçado em Marcos, Lucas e Mateus.

O que Jesus está fazendo é uma ‘páscoa judaica familiar’, ele está diante deles relendo um culto, um cerimonial que ocorria em muitos lares, de modo diferente do que ocorria no santuário. Lá no templo ocorriam ritos distintos do que acontecia nas casas dos israelitas. E o rito familiar era diferente do que ocorria nas sinagogas de sua época. O que Jesus faz é o que um chefe de família faria, reunindo sua família para a ceia. É uma celebração íntima, uma festa para uma família judaica e seus próximos. Havia festas congregacionais, festas públicas da comunidade e muitas atividades acontecendo na cidade de Jerusalém; este, contudo, era um momento íntimo. A liturgia que Jesus segue é a tradicionalizada pelas sinagogas para os lares (talmude), toda família judaica faria algo semelhante naquela noite. Ele recita bênção na entrada, ele reparte o vinho de uma taça, ele parte o pão, ele recita uma bênção, ele cantará um hino que era comum nos lares da época! Porém Jesus não cita a saída do mar vermelho, nem a saída do Egito. Nem teve tempo para tal. Embora nada do que viesse a fazer escandalizasse aos seus discípulos diante dos quais Jesus era mais que um mestre. Se ele estava fazendo qualquer ritual, seja lá o que estivesse fazendo, uma coisa os discípulos tinham certeza. Ele sabia o que estava fazendo. Percebiam que NINGUÉM questiona a Jesus sobre qualquer ato seu durante a ceia. Os evangelhos mencionam partes do que aconteceu naquela tarde e noite. O momento mais marcante para eles é citado em três dos quatro evangelhos.

Esse momento é o seguinte:

Lucas 20

7 Finalmente, chegou o dia dos pães sem fermento, no qual devia ser sacrificado o cordeiro pascal.

E disse-lhes: "Desejei ansiosamente comer esta Páscoa com vocês antes de sofrer.

16 Pois eu digo: Não comerei dela novamente até que se cumpra no Reino de Deus".

17 Recebendo um cálice, ele deu graças e disse: "Tomem isto e partilhem uns com os outros.

18 Pois eu digo que não beberei outra vez do fruto da videira até que venha o Reino de Deus".

19 Tomando o pão, deu graças, partiu-o e o deu aos discípulos, dizendo: "Isto é o meu corpo dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim".

20 Da mesma forma, depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: "Este cálice é a nova aliança no meu sangue, derramado em favor de vocês.

Marcos 14

22 Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, deu graças, partiu-o, e o deu aos discípulos, dizendo: "Tomem; isto é o meu corpo".

23 Em seguida tomou o cálice, deu graças, ofereceu-o aos discípulos, e todos beberam.

24 E disse-lhes: "Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos.

25 Eu afirmo que não beberei outra vez do fruto da videira, até aquele dia em que beberei o vinho novo no Reino de Deus".

26 Depois de terem cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras.

Mateus 26

Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, deu graças, partiu-o e o deu aos seus discípulos, dizendo: "Tomem e comam; isto é o meu corpo".

27 Em seguida tomou o cálice, deu graças e o ofereceu aos discípulos, dizendo: "Bebam dele todos vocês.

28 Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para perdão de pecados.

29 Eu digo que, de agora em diante, não beberei deste fruto da videira até aquele dia em que beberei o vinho novo com vocês no Reino de meu Pai".

30 Depois de terem cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras.

CONTUDO, estes textos falam de uma PEQUENA PARTE do que aconteceu.

A CEIA final em que Cristo se despede de seus discípulos é ENORME.

COLOCANDO EM ORDEM OS EVENTOS DA CEIA

Jesus chega ao cenáculo com os discípulos, após estes correrem atrás de um sujeito levando um cântaro de água. Vou iniciar o relato já no cenáculo.

Na mesa estão presentes todos os discípulos de Jesus.

Os servos do cenáculo estão colocando a mesa no instante em que chegam.

Jesus inicia com as bênçãos e o antepasto, a entrada. Fazem uma oração de agradecimento e começam a comer!

Estão sentados a mesa. Conversando. Então, repentinamente Jesus se levanta e pega um jarro com água e uma toalha Jesus dá uma pausa na celebração e realiza um ritual DESCONHECIDO. O lava-pés.

João 13:1-17

“Assim, levantou-se da mesa, tirou sua capa e colocou uma toalha em volta da cintura.

5 Depois disso, derramou água numa bacia e começou a lavar os pés dos seus discípulos, enxugando-os com a toalha que estava em sua cintura.

6 Chegou-se a Simão Pedro, que lhe disse: "Senhor, vais lavar os meus pés?"

7 Respondeu Jesus: "Você não compreende agora o que estou fazendo a você; mais tarde, porém, entenderá".

8 Disse Pedro: "Não; nunca lavarás os meus pés!".

Jesus respondeu: "Se eu não os lavar, você não terá parte comigo".

9 Respondeu Simão Pedro: "Então, Senhor, não apenas os meus pés, mas também as minhas mãos e a minha cabeça!"

10 Respondeu Jesus: "Quem já se banhou precisa apenas lavar os pés; todo o seu corpo está limpo. Vocês estão limpos, mas nem todos".

11 Pois ele sabia quem iria traí-lo e, por isso, disse que nem todos estavam limpos.

12 Quando terminou de lavar-lhes os pés, Jesus tornou a vestir sua capa e voltou ao seu lugar. Então lhes perguntou: "Vocês entendem o que fiz a vocês?"

13 Vocês me chamam 'Mestre' e 'Senhor', e com razão, pois eu o sou.

14 Pois bem, se eu, sendo Senhor e Mestre de vocês, lavei os seus pés, vocês também devem lavar os pés uns dos outros."

15 Eu dei o exemplo, para que vocês façam como lhes fiz.

16 Digo verdadeiramente que nenhum escravo é maior do que o seu senhor, como também nenhum mensageiro é maior do que aquele que o enviou.

17 Agora que vocês sabem estas coisas, felizes serão se as praticarem.

Logo após a realização deste RITO, no qual JUDAS ISCARIOTES ESTAVA INCLUIDO, eles retornam a comer. Voltam para a mesa quando Jesus anuncia dolorosamente:

Mateus 26:

E, enquanto estavam comendo, ele disse: "Digo que certamente um de vocês me trairá".

22 Eles ficaram muito tristes e começaram a dizer-lhe, um após outro: "Com certeza não sou eu, Senhor!"

23 Afirmou Jesus: "Aquele que comeu comigo do mesmo prato há de me trair.

24 O Filho do homem vai, como está escrito a seu respeito. Mas aí daquele que trai o Filho do homem! Melhor lhe seria não haver nascido".

25 Então, Judas, que haveria de traí-lo, disse: "Com certeza não sou eu, Mestre!"
Jesus afirmou: "Sim, é você".

Nesse momento aconteceu o interrogatório em que João perguntou a Jesus quem era o traidor conforme registrado em João 13:

22 Seus discípulos olharam uns para os outros, sem saber a quem ele se referia.

23 Um deles, o discípulo a quem Jesus amava, estava reclinado ao lado dele.

24 Simão Pedro fez sinais para esse discípulo, como a dizer: "Pergunte-lhe a quem ele está se referindo".

25 Inclinando-se esse discípulo para Jesus, perguntou-lhe: "Senhor, quem é?"

26 Respondeu Jesus: "Aquele a quem eu der este pedaço de pão molhado no prato". Então, molhando o pedaço de pão, deu-o a Judas Iscariotes, filho de Simão.

27 Tão logo Judas comeu o pão, Satanás entrou nele. "O que você está para fazer, faça depressa", disse-lhe Jesus.

28 Mas ninguém à mesa entendeu por que Jesus lhe disse isso.

29 Visto que Judas era o encarregado do dinheiro, alguns pensaram que Jesus estava lhe dizendo que comprasse o necessário para a festa, ou que desse algo aos pobres.

30 Assim que comeu o pão, Judas saiu. E era noite.

Este é o momento em Judas deixa o ambiente e NÃO PARTICIPA DOS SEUS MOMENTOS MAIS IMPORTANTES E NEM DA ORAÇÃO SACERDOTAL DE CRISTO. Há um momento mágico, o instante esperado por toda a eternidade, por assim dizer. A declaração de amor da videira verdadeira. Mas, Judas, não participou deste momento. Foi IMPEDIDO, foi EXPULSO por Cristo. Quando ele se vira para Judas e diz "O que você está para o fazer, faça logo, faça de uma vez" é uma ordem para que ele saia dali. Há um grande mistério nas palavras de Cristo, na misericórdia demonstrada. Esse é o trágico momento em que a mais esperada de todas as respostas deixou de ser dita. Uma confissão. O plano de entregar a Jesus não fora executado. Ele podia voltar atrás a qualquer instante. Jesus DECLARA para Judas, EU SEI O QUE VOCÊ ESTÁ PARA FAZER. Judas compreende que ele SABE. Jesus olha nos olhos do seu traidor, avisando-o que ele sabe o que ele está para fazer. Não sem antes dar uma inaudita lição de humildade, na última tentativa FRUSTRADA de RESGATAR aquele indivíduo. Quando Jesus lava os pés de Judas está ENSINANDO ao futuro ministério de sua IGREJA a postura que ele espera de seus FUTUROS LÍDERES.

O que Jesus faz ao lavar os pés de Judas é dizer até o FINAL:

- EU AINDA NÃO PERDI MINHA ESPERANÇA EM VOCÊ. EU AINDA TENHO UM PROPÓSITO MINISTERIAL PARA TUA VIDA.

Jesus manterá essa postura até no momento doloroso do cumprimento cabal da traição. O beijo da entrega disfarçado de cumprimento de amizade. Mesmo ali, sabendo perfeitamente que estava destinado a tortura, Jesus lança mão do ultimo recurso. Não o chama de traidor, Não o condena. Não o distrata. Não o humilha publicamente. Simplesmente diz:

“amigo, com um beijo, você me trai?”
Ainda que traído, Jesus o chama de “amigo”.

Judas não sabia até aquele instante a consequência de seus atos. Não imaginou que sua traição MATARIA a Jesus. Ele imaginou a prisão de Cristo, ou imaginou que pudesse se livrar de seus opositores de modo milagroso. Ou talvez tenha apostado ingenuamente na idoneidade do Sinédrio. Apostou que, mesmo que Jesus fosse julgado, não haveria pelo que ser condenado, no máximo expulso da comunidade. Judas aliou-se a gente pérfida, sem-caráter, imoral e sanguinária. Uma casta de bandidos, que usaram todos os recursos políticos, religiosos, jurídicos que possuíam, somadas a trapaça e suborno, com um único intento, silenciar para sempre ao nazareno.

Jesus conhecia a corrupção da casta religiosa, e também que já haviam decidido solenemente executá-lo. Os três últimos milagres de seu ministério são específicos, cridos que somente o Messias quando viesse na terra poderia realizar. A cura de um leproso, a expulsão de um demônio mudo e a ressurreição de Lázaro ao quarto dia. Acrescidos a um quarto milagre em especial: A cura de um cego de nascença. A cada prova vencida de sua reivindicação messiânica, a cada demonstração realizada, mais ódio Jesus gerava. Então, contra suas próprias convicções e até contra sua lei ORAL eles decidiram assassinar a Jesus.

AO IMPEDIR JUDAS de participar da CEIA Jesus demonstrava um ato de MISERICÓRDIA mais uma vez. Comer a ceia INDIGNAMENTE gera JUÍZO, conforme seria revelado dez a quinze anos depois ao apóstolo Paulo. Quando Jesus impede que Judas participe da Ceia está lhe CONCEDENDO uma oportunidade de ARREPENDIMENTO.

Jesus havia suado sangue momentos antes. Quando Judas se afasta de Cristo após o beijo na saída do Getsemani o seu rosto está marcado com o sangue de Jesus. Seus lábios estão marcados. Ele necessita limpar esse sangue de sua boca passando sua mão ou um pedaço de sua vestimenta.

Na manhã seguinte Judas compreendeu a desgraça que havia feito. Soube da condenação de Jesus (Mateus 27:1-5). Soube que fora sentenciado à morte e conduzido até Poncio Pilatos. Sabia que isso só podia significar uma coisa. Crucificação. A vergonha e o arrependimento de seu ato é tão grande que ele joga no chão na frente dos sacerdotes as trinta moedas de prata para entregá-lo e ainda pela parte da manhã, tomado por um remorso sem precedentes, enforca-se.

Judas morreu antes de Jesus. Ele morre pela manhã. Jesus morrerá somente às três da tarde daquela sexta-feira da Paixão.

Diante de Poncio Pilatos, Jesus sabia que Judas havia morrido.

Voltemos a Ceia

Após essa cena, logo após a saída de Judas

Depois que Judas saiu, Jesus disse: "Agora o Filho do homem é glorificado, e Deus é glorificado nele.

32 Se Deus é glorificado nele, Deus também glorificará o Filho nele mesmo, e o glorificará em breve.

33 "Meus filhinhos, vou estar com vocês apenas mais um pouco. Vocês procurarão por mim e, como eu disse aos judeus, agora digo a vocês: Para onde eu vou, vocês não podem ir.

34 "Um novo mandamento dou a vocês: Amem-se uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar-se uns aos outros.

35 Com isso todos saberão que vocês são meus discípulos, se vocês se amarem uns aos outros".

NESTE INSTANTE È QUE ACONTECE O TRECHO DA CEIA QUE as IGREJAS mencionam em suas liturgias:

22 Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, deu graças, partiu-o, e o deu aos discípulos, dizendo: "Tomem; isto é o meu corpo".

23 Em seguida tomou o cálice, deu graças, ofereceu-o aos discípulos, e todos beberam.

24 E disse-lhes: "Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos.

25 Eu afirmo que não beberei outra vez do fruto da videira, até aquele dia em que beberei o vinho novo no Reino de Deus".

Acabado esse doce momento, há o momento de DISCUSSÃO durante a CEIA! E segundo o relato de LUCAS parece que aconteceu DEPOIS QUE JESUS lhes repartiu o pão e lhes deu o vinho!

24 E houve também entre eles contenda, sobre qual deles parecia ser o maior.

25 E ele lhes disse: Os reis dos gentios dominam sobre eles, e os que têm autoridade sobre eles são chamados benfeitores.

26 Mas não sereis vós assim; antes o maior entre vós seja como o menor; e quem governa como quem serve.

Para nós é escandalizador. Para Jesus, engraçado. Já estava acostumado aquela bagunça. Eles eram agitados, curiosos, encrenqueiros. Veja que conseguem DISCUTIR no mais SOLENE MOMENTO DA HISTÓRIA HUMANA. No banquete mais solene de todos eles. E Jesus sorri. Não vê neles conversarem ou questionarem algo um ato de indignidade. Ainda que movidos pelo egoísta desejo de ver quem deles seria o 'melhor' ou o 'maioral' e no FUTURO! Eles estavam preocupados com seus 'cargos' celestiais no POVIR! É muito divertido. Eles são hilários. Como é que alguém consegue brigar por aquilo que um dia será no Céu? Ou seja, por QUALQUER MOTIVO aquela galera entrava em acalorado debate. Jesus tinha apelidado a Tiago e a João de "filhos do trovão" de tão alto que eles berravam

de vez em quando. Esses são os momentos finais da vida do Senhor em seu tempo natural, em meio a geração na qual nasceu e viveu. Tudo para ele nesse momento é doce, mágico, engraçado. Ele sabe que sentirá saudade disso, dessa zoeira, dessa desavença. Dessa humanidade. Ele se consola um pouco e volta a tônica triste que emoldura aquela Ceia em especial:

Logo após essa 'trágica cena' Jesus lhes afirma:

Então Jesus lhes disse: "Ainda esta noite todos vocês me abandonarão. Pois está escrito:

"Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho serão dispersas'.

32 Mas, depois de ressuscitar, irei adiante de vocês para a Galileia".

33 Pedro respondeu: "Ainda que todos te abandonem, eu nunca te abandonarei!"

Nesse instante Jesus fala com Pedro

Lucas 22

31 Disse também o Senhor: Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo;

32 Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos.

33 E ele lhe disse: Senhor, estou pronto a ir contigo até à prisão e à morte.

34 Respondeu Jesus: "Asseguro que ainda esta noite, antes que o galo cante, três vezes você me negará".

35 Mas Pedro declarou: "Mesmo que seja preciso que eu morra contigo, nunca te negarei". E todos os outros discípulos disseram o mesmo.

A partir deste momento acontecem os capítulos 14 a 17 do Evangelho de João.

“não se turbe o vosso coração...”

O emocionante discurso de despedida, sobre a casa do Pai, sobre realizar as obras que ele realizou, a confissão de ser o caminho, a verdade e a vida. Nele acontece o momento espetacular onde Felipe questiona a Cristo:

João 14

Disse Filipe: "Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta".

9 Jesus respondeu: "Você não me conhece, Filipe, mesmo depois de eu ter estado com vocês durante tanto tempo? Quem me vê, vê o Pai. Como você pode dizer: 'Mostra-nos o Pai'?"

A promessa de atender as orações em Nome de Jesus, a promessa do Espírito Santo.

Mas o Conselheiro, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ensinará a vocês todas as coisas e fará vocês lembrarem tudo o que eu disse.

Jesus então realiza sua Intercessão até pelos que crentes que um dia creiam nele:

Depois de dizer isso, Jesus olhou para o céu e orou:

2 Pois lhe deste autoridade sobre toda a humanidade, para que conceda a vida eterna a todos os que lhe deste.

3 Esta é a vida eterna: que te conheçam, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.

4 Eu te glorifiquei na terra, completando a obra que me deste para fazer.

5 "Pai, chegou a hora. Glorifica o teu Filho, para que o teu Filho te glorifique.

E agora, Pai, glorifica-me junto a ti, com a glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse.

FINALMENTE eles cantam uma canção. Um cântico de adoração. Baseado nos Salmos do Hallel” (hallel significa “Louvor”), ou seja, os Salmos 113-118, cuja recitação encerrava a ceia pascal.

E saem para ir para o Getsemani.

Quando o apóstolo Paulo falar da ceia aos **Coríntios ele não está descrevendo tudo que aconteceu**. Ele está falando de uma experiência pessoal com o Espírito de DEUS.

I Coríntios 11

Pois recebi do Senhor o que também entreguei a vocês: Que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão

24 e, tendo dado graças, partiu-o e disse: "Isto é o meu corpo, que é dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim".

25 Da mesma forma, depois da ceia ele tomou o cálice e disse: "Este cálice é a nova aliança no meu sangue; façam isto sempre que o beberem em memória de mim".

26 Porque, sempre que comerem deste pão e beberem deste cálice, vocês anunciam a morte do Senhor até que ele venha.

27 Portanto, todo aquele que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente será culpado de pecar contra o corpo e o sangue do Senhor.

28 Examine-se cada um a si mesmo e então coma do pão e beba do cálice.

29 Pois quem come e bebe sem discernir o corpo do Senhor come e bebe para sua própria condenação.

30 Por isso há entre vocês muitos fracos e doentes, **e vários já dormiram**.

31 Mas, **se nós tivéssemos o cuidado de examinar a nós mesmos, não receberíamos juízo**.

32 Quando, porém, somos julgados pelo Senhor, estamos sendo disciplinados para que não sejamos condenados com o mundo.

33 Portanto, meus irmãos, quando vocês se reunirem para comer, esperem uns pelos outros.

34 Se alguém estiver com fome, coma em casa, para que, quando vocês se reunirem, isso não resulte em condenação. Quanto ao mais, quando eu for darei instruções a vocês.

PAULO realizou algum tipo de questionamento específico ao Espírito de Deus. Não com relação à LITURGIA ou ao FORMATO da Ceia. Ele tinha outras considerações quando questionou a Deus, relacionadas à congregação da igreja de Corinto. Pelas coisas que revela no texto ao que parece a igreja estava padecendo de muitas pessoas enfermas.

Por isso há entre vocês muitos fracos e doentes, e vários já dormiram.

Alguns estavam perdendo a fé, apostatando. Essa ‘fraqueza’ ao qual Paulo se refere é certamente a ‘fraqueza da fé’ tendo em vista que logo após menciona o termo ‘enfermidade’. E finalmente, mortos. Algo ‘sinistro’ estava acontecendo, algo maligno, algo estava errado com a comunidade cristã de Corinto. Paulo que também era profeta, além de evangelista e professor, pediu uma revelação específica sobre aquela situação. Compreendeu que os coríntios estavam sendo indecorosos, levianos, estavam tratando a ceia de um modo desrespeitoso. Não compreenderam o valor ou os benefícios da ceia. Esse texto nos mostra algumas revelações sobre a ceia. Uma das suas razões. Ela beneficia a Igreja de Cristo de modo ESPIRITUAL e muitas vezes de modo SOBRENATURAL.

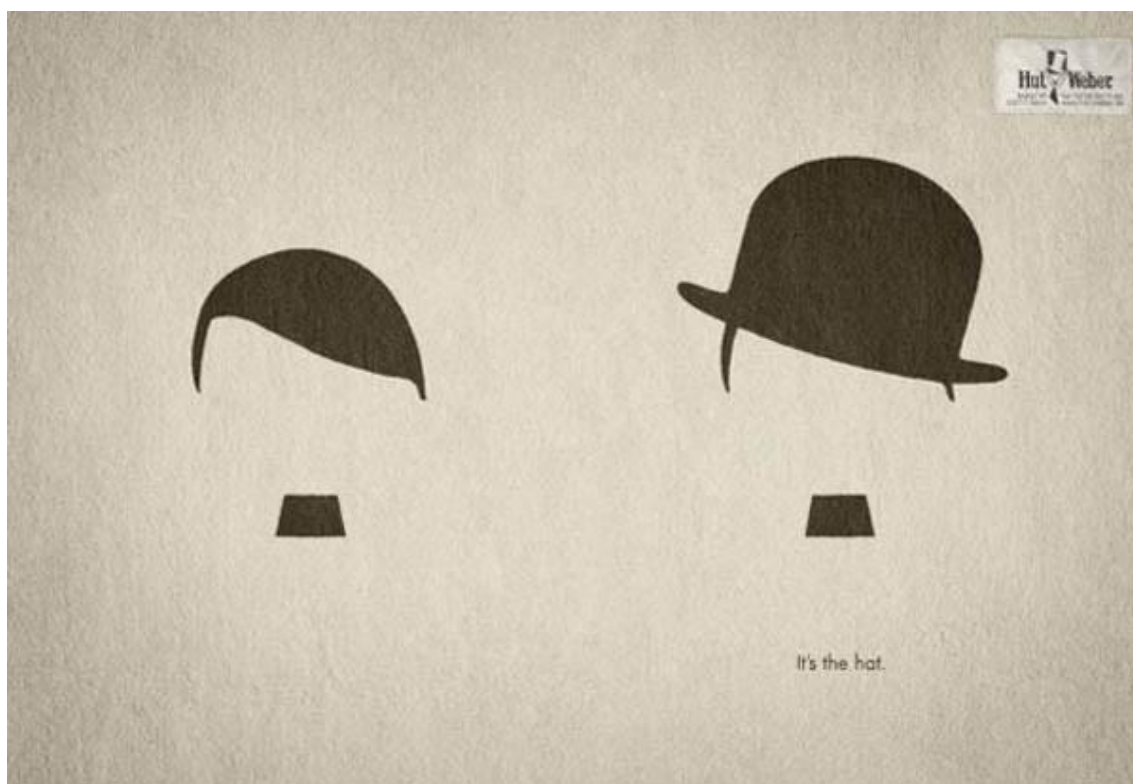
Em outra carta aos coríntios nos será manifesto o modo escandaloso com que executavam algo que deveriam agir com reverência, agiam como glutões, comiam tudo que estava a sua frente sem aguardar a chegada dos outros membros, não se importavam em deixar os outros famintos. Um momento de comunhão transformado numa guerra por comida, aproveitando-se dos alimentos trazidos por outras pessoas e causando constrangimento com a cena até para os que não eram crentes.

A ceia da igreja primitiva era uma herança direta da ceia judaica. Ela era rica em especiarias, em vinho, em pão, em carnes, em peixes. A igreja de corinto era composta de pessoas de origem pagã. A maioria grega. Os que tinham se convertido tinham um passado de idolatria e de participação em festivais profanos. Na época ainda existiam as festas ao deus Dioniso, o nosso conhecido “deus Baco” a divindade das festas, do vinho e das orgias. Em Éfeso concorriam as grandes festividades ao fabuloso templo de Diana. Havia templos para Zeus espalhados em várias cidades romanas. Nas cidades costeiras existiam templos consagrados a Poseidon. Atenas na época tornara-se a capital das divindades internacionais. No mundo religioso de então eram comuns os festins às divindades, o oferecimento de manjares, ou a oferta de BANQUETES aos deuses. Muitos desses BANQUETES acompanhados de músicas, festas, dança, instrumento e mulheres seminuas. São desses banquetes que os apóstolos em Jerusalém emitem uma das poucas orientações gerais para os gentios. Duas das únicas restrições gerais para a igreja gentílica: Apartar-se dos banquetes sanguinolentos, dos rituais que envolvessem a morte cruel de animais – com caráter mágico, claramente maligno e da prostituição, na maior parte de origem cultural. Os apóstolos usam o termo ‘carne sufocada com sangue’ para descrever animais enforcados por sacrifícios a Zeus. Eles são ESPECÍFICOS porque praticamente TODA a comida da antiguidade era oferecida a deuses. Se eles fossem GÊNERICOS os cristãos da antiguidade morreriam de fome. O Espírito de Deus concedia sua sabedoria aos apóstolos em Jerusalém. A luz desse passado, os coríntios não compreenderam a santidade do que estavam fazendo.

NA ATUALIDADE

As igrejas na atualidade REDUZIRAM (no sentido científico/matemático do termo) - ou RESUMIRAM a Ceia a um esboço. Os elementos da Ceia, o pão e o vinho num cálice (descartável) de plástico são na verdade a meio de representação da Ceia. As igrejas abraçaram os elementos mais marcantes, mais significativos da ceia, aos seus olhos, o pão e o vinho e desenvolveram toda a moderna liturgia da ceia limitada a esse cerne. Ou seja, toda igreja seja de origem católica romana, ortodoxa, protestante, evangélica, reformada, pentecostal ou neo-pentecostal, qualquer uma delas, pratica um ESBOÇO do que seria uma ceia PLENA.

Isso na arte é denominado de MINIMALISMO



Quando você usa POUCOS traços para representar uma realidade, um desenho mais completo. Só precisamos destas ‘manchas’ para identificar a Hitler e a Chaplin.

Então, não se preocupe com a igreja ao qual pertence. Ela estará limitada no que diz respeito ao FORMATO da ceia. Há as igrejas que além de resumir a ceia, somaram a esta influência judaica da festa dos ázimos, os pães usados nestas ceias são sem fermento.

Como narrado no início deste estudo, igreja livre de rituais nasceu de uma igreja do Velho Testamento extremamente ritualizada. Propôs o Senhor não conceder ‘amarras’ a adoração,

para que cada congregação vivesse sua realidade, sua representação, declarasse de seu modo e de sua forma o seu louvor, a sua adoração e a sua comunhão. Essa regra de ouro é denominada “o Pai procura adoradores que o adorem em espírito e em verdade”. Não há FORMALISMO para a Igreja de Cristo.

Mas, seria correto compreender, a luz do que foi dito até aqui que o caráter PLENO da Ceia, culinariamente falando ao menos, é o banquete, é a comunhão de uma refeição.

A ceia se referencia só para relembramos, dentro de um contexto que envolve:

O Banquete maldito; O Banquete mágico; O Banquete fúnebre; O Banquete real; O Banquete divino; A Boda; O Encontro; O Banquete de Comunhão; O Banquete de Misericórdia e por fim o Banquete de Celebração.

Espiritualmente falando.

Convém então desfazer algumas questões.

Quem pode participar da Ceia? Não há uma orientação específica do Espírito de Deus para isso. Está errado:

- Impedir que um membro de outra denominação participe da Ceia de sua denominação. A Ceia pertence à IGREJA de CRISTO. Ela não é submissa à doutrina de uma igreja local, saiba que um ministério quando assim procede, ERRA.

- A Ceia não é exclusiva para os BATIZADOS, nunca houve nem nos sonhos mais distantes de Cristo a necessidade de alguma coisa que não fosse à fé em sua ressurreição para participar em COMUNHÃO com ele de sua Ceia.

- A Ceia não exclui divorciados, ou quem está em situação irregular com relação ao casamento legal, desde que vivam maritalmente. Desde que vivam como um casal, como esposo e esposa, marido e mulher. Depois trataremos especificamente da questão da INDIGNIDADE.

- A Ceia não é impedida a meninas que porventura engravidem e fiquem solteiras!

- Não são somente diáconos ou diaconisas que podem distribuir os alimentos! Não está definido!

- Não é facultado somente ao PASTOR a celebração da Ceia! Não está definido! Quem dirige a Ceia pode ser delegado pelo ministério, ainda que não tenha FUNÇÃO na Igreja! A Ceia não é EXCLUSIVIDADE MINISTERIAL.

- Não existe orientação para EXCLUSÃO da pessoa não CRISTÃ da CEIA! A ceia possui O CARÁTER EVANGELÍSTICO.

- Não é circunscrita ao templo.

E outras mazelas doutrinárias perversas e cruéis.

O banquete de comunhão para Igreja é banquete de MISERICÓRDIA para o estrangeiro a fé. O não-crente não pode participar da comunhão com CRISTO que é a parte mágica, a união espiritual entre Cristo e a sua Igreja. MAS, CONTUDO pode participar da comunhão HUMANA representada pelo convite do Espírito de Deus:

“Sai depressa pelas ruas e bairros da cidade, e traze aqui os pobres, e aleijados, e mancos e cegos. E disse o servo: Senhor, feito está como mandaste; e ainda há lugar. E disse o senhor ao servo: **Sai pelos caminhos e valados, e força-os a entrar, para que a minha casa se encha.**”

A ceia possui MULTIFORMIDADE ESPIRITUAL, ela não possui uma única representação, os visitantes podem e devem ser convidados para comunhão de amizade com a Igreja e para meditarem nas coisas de Jesus enquanto os membros da Igreja comem a Ceia buscando comunhão espiritual entre os irmãos – perdão, alegria, amizade, amor não fingido, carinho sem sensualidade, manifestação dos dons espirituais! – e a comunhão com o Espírito de Deus.

QUEBRANDO O RITUALISMO

Jesus jamais imaginou uma Ceia que se limitasse a RECITAR aos textos:

“e, tendo dado graças, partiu-o e disse: "Isto é o meu corpo, que é dado em favor de vocês; façam isto em memória de mim". Da mesma forma, depois da ceia ele tomou o cálice e disse: "Este cálice é a nova aliança no meu sangue; façam isto sempre que o beberem em memória de mim". Porque, sempre que comerem deste pão e beberem deste cálice, vocês anunciam a morte do Senhor até que ele venha.”

Isso se chama RITUALISMO. Aquela estranha carência humana de realizar coisas metódicas.

De novo:

O Banquete maldito; O Banquete mágico; O Banquete fúnebre; O Banquete real; O Banquete divino; A Boda; O Encontro; O Banquete de Comunhão; O Banquete de Misericórdia e por fim o Banquete de Celebração.

Esse é o cabedal de coisas que pude enxergar. Só Deus sabe o que um profeta de verdade pode compreender da profundidade da Ceia (risos).

Uma pregação sobre a ceia contextualizada somente no Evangelho de João já teria como CONTEUDO no mínimo qualquer assunto entre os capítulos 13 até 17. É o que está ocorrendo na Ceia do Senhor.

A grande função da Ceia é a comunhão entre os irmãos, ela ajuda a firmar o propósito do salmo 133 “Ó quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união, é como o óleo perfumado que desce sobre a barba de Arão”

Jamais imaginada para ser uma **releitura de um funeral**. De novo:

O Banquete maldito; O Banquete mágico; O Banquete fúnebre; O Banquete real; O Banquete divino; A Boda; O Encontro; O Banquete de Comunhão; O Banquete de Misericórdia e por fim o Banquete de Celebração.

Você deve se perguntar quais os elementos estão faltando na ceia de sua denominação. Na minha humilde opinião imagino que a Ceia deveria ter vinho em abundancia, ou suco de uva, conforme queira, pão em abundancia, dança, cânticos, adoração, alegria, abraços. Gente orando por outros, mesas espalhadas, gente conversando, rindo, tendo comunhão. Sem mudar a ORTODOXIA de sua denominação, por questões financeiras ou de logística, no mínimo: o copinho minúsculo da ceia deveria ser mudado para um copo maior, e o pedacinho de pão que fosse maior.

PORÉM, a Ceia mais completa, mais plena pode ser conseguida por meio de uma visão mais abrangente, o contato e a comunhão uns com os outros, que é bem diferente do praticado em muitas ceias em igrejas ao redor do mundo. A CEIA é uma EXORTAÇÃO a COMUNHÃO da IGREJA. Não é um CULTO PARTICULAR.

Pense nisso, toda vez que você fizer o que você geralmente faz... falo para alguns.

A Igreja moderna poderia exercer essa prática em encontros, em acampamentos, em suas festividades, ainda que não deseje ou não possa mudar a liturgia praticada por luz e glória da sua tradição.

Porém, as igrejas que estiverem nascendo agora, novos ministérios ou quem compreendeu a essência dessa apostila... REPENSEM A CEIA.

CONTEXTUALIZAÇÃO

O fotógrafo americano *Peter Menzel* lançou um livro muito interessante chamado "*Hungry Planet: What the World Eats*". Algo como "Planeta Faminto: O Que o Mundo Come", em tradução livre.

Peter viajou o mundo registrando a dieta típica das famílias de cada país, bem como o custo semanal disso e qual a variedade e fartura de alimentos da região. O resultado dessa viagem é um livro de fotografias surpreendentes e impactantes. O Brasil não aparece em nenhuma das fotos, mas se fôssemos analisar isso com base em nossa experiência cotidiana, quanto será que gastamos com alimentação em uma semana?

Veja algumas fotos abaixo e visite o [site de Peter Menzel](#) para conhecer mais sobre o seu trabalho.

TURQUIA (US\$ 145)



GROENLÂNDIA (US\$ 277)



FRANÇA (US\$ 419)



CANADÁ (US\$ 345)



MALI (US\$ 26)



ÍNDIA (US\$ 39)



GUATEMALA (US\$ 75)



NORUEGA (US\$ 731)



BUTÃO (US\$ 5)



AUSTRÁLIA (US\$ 376)



EQUADOR (US\$ 31)



CHINA (US\$ 155)



ESTADOS UNIDOS (US\$ 341)



CHADE (US\$ 1,26)



ALEMANHA (US\$ 325)



JAPÃO (US\$ 317)



O 'banquete' ou a 'ceia' de cada comunidade ao redor do mundo possui suas próprias características. Cada povo possui sua tradição culinária e gastronômica individual moldada pelos recursos naturais disponíveis. E com profundas transformações no decorrer da história. As interações entre nações, as conquistas, as guerras, a escravidão, as migrações, os processos de aculturação diversos, mudaram sensivelmente a 'dieta' original de muitos povos. Jesus participa de uma ceia hebraica porque está em Israel. Se estivesse na África ou no Tibete, ou no Amazonas, ou certamente a mesa com seus discípulos seria absolutamente diferente. O vinho era a bebida mais abundante e tradicional em Israel. Era o equivalente ao 'café' ou a diversos tipos de 'sucos' de frutas brasileiras. Cupuaçu, no Amazonas, suco de Graviola, de Melancia, ou Manga. É pão de trigo em Israel, nos tempos de dificuldade Israelita pão de centeio, mas no nosso nordeste poderia ser tapioca ou um tipo de massa feito com mandioca, bolo de fubá e milho. Minhas limitações culinárias me dizem para parar por aqui, tenho certeza que essa parte do estudo pode ser melhor ministrada por qualquer mestre cozinheiro ou especialista em pratos típicos.

Toda igreja localizada em qualquer região do mundo pode se apropriar das comida típica local para a realização da Ceia, com o mesmo valor espiritual, com a mesma essência do banquete divino.

Os missionários que trabalham em missões já aprenderam essa maravilhosa lição a muito tempo. É quando a Ceia é ministrada a luz da doutrina daquela divindade que não tinha nome - que tinha um altar no Areópago lá em Atenas; É a ceia segundo Melquisedeque. Não temos nenhuma palavra escrita pelo velho sacerdote e rei de Salém. Só sabemos que o DESCONHECIDO sacerdote da antiguidade era uma pessoa ungida, tão cheia do Espírito de Deus que é o PRIMEIRO a ministrar uma CEIA semelhante a CRISTO nas Escrituras!

E o rei de Sodoma saiu-lhe ao encontro (depois que voltou de ferir a Quedorlaomer e aos reis que estavam com ele) até ao Vale de Savé, que é o vale do rei.

E Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; e era este sacerdote do Deus Altíssimo. E abençoou-o, e disse: Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra;

E bendito seja o Deus Altíssimo, que entregou os teus inimigos nas tuas mãos. E Abrão deu-lhe o dízimo de tudo.

Gênesis 14:17-20

Melquisedeque ministra a ceia antes da Lei. Essa 'ceia' significa para nós uma ceia sem preceitos, sem tradição humana incorporada, na liberdade que o Espírito Santo concede na aplicação de seus ensinamentos.

A isso nós chamamos modernamente de 'contextualizar'

SOBRE A INDIGNIDADE.

“Portanto, todo aquele **que comer o pão ou beber o cálice do Senhor indignamente** será culpado de pecar contra o corpo e o sangue do Senhor. Examine-se cada um a si mesmo e então coma do pão e beba do cálice. Pois quem come e bebe sem discernir o corpo do Senhor come e bebe para sua própria condenação.”

Pecar não torna você indigno da Ceia, desde que você confesse seus pecados. “Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda a injustiça” Já dizia o apóstolo João. Há um milagre de Graça na comunhão com o Espírito trabalhando para nossa continua REGENERAÇÃO. A pessoa que se examina, arrepende-se, deseja mudar, deseja acertar, torna-se DIGNA através da fé, do milagre do sangue de Cristo. Apocalipse profetiza “Eles o venceram pelo sangue do Cordeiro, e não amaram as suas vidas até a morte” fala de gente que amou a Deus mais que a seus desejos egoístas, confiando que Cristo através de sua Vida, representada no seu Sangue, pudesse fazê-los vitoriosos.

O que me lembra de dizer que toda vez que alguém pensa no sangue de Jesus só o imagina derramado no Getsemani, durante os açoites e na crucificação. O Livro de Hebreus porém nos diz que Jesus subiu aos céus e apresentou seu sangue a Deus. Não que ele tenha ‘derramado’ no tabernáculo celestial seu sangue pela terceira ou quarta vez. O caminho de Jesus até a Cruz é prefigurado no caminho do Sumo-Sacerdote do altar que fica do lado de fora do santuário onde o cordeiro seria sacrificado até uma sala escondida com um véu que era chamada de santo dos santos. Ele sacrificava o cordeiro fora do santuário e levava um pouco do sangue do animal até a dita sala no interior do mesmo. Só quando chegasse lá e intercedesse pelo povo é que o RITUAL estaria COMPLETO. A parte da ‘caminhada’ do sacerdote que representa a vida de Jesus até a cruz é ali onde morre o infeliz cordeiro. A partir dali a parte da vida de Jesus que é representada pelo restante dessa caminhada é a partir da ressurreição. Jesus está nesse momento representando, como se o tempo tivesse parado, o momento que o Sumo-Sacerdote entra dentro do santo dos santos. Como se um sacerdote eterno tivesse entrado num santuário eterno para realizar uma intercessão... ETERNA.

A figura do livro de Hebreus é belíssima. E representa a complicada essência das realizações de Cristo. É muita coisa que está envolvida na morte e ressurreição de Jesus.

Quando você pensar em ‘sangue de Cristo’ deixe para trás o derramado na Cruz. Pense no que flui em suas veias, agora, na eternidade.

Tendo tal sacerdote, à direita do Pai, podemos ter ousadia para cearmos diante de Deus.

A INDIGNIDADE acontece com quem vive de modo EGOÍSTA. Os Coríntios só pensavam em satisfação pessoal quando iam para a Ceia. Queriam satisfazer seu apetite, sua fome, sua ânsia por comer. Sem se importar com quem viria depois. Individualismo. Inimizade. Desconsideração à vida alheia. Quando ao invés de querer comunhão com Cristo, o jovem quer ter comunhão sexual com as moças da Igreja. A ceia é só um ritual a mais para aparentar a ‘**amizade**’ de quem só se importa em conquistar seu próprio orgasmo. É quando ministros do evangelho ‘usam’ da confiança de quem deveriam proteger e doar a vida para o enriquecimento ilícito. Quando pessoas usam outras pessoas para obtenção de benefícios pessoais. Seja através da desonestidade nos negócios, na falta de idoneidade nas relações, por desejo de poder, por desejo de dominação. Judas tornou-se

indigno por trocar uma amizade maravilhosa de uma pessoa que **o amava desesperadamente** por um pouco de moedas. Indignidade é seduzir o esposo da moça que é sua amiga, sua irmã em Cristo. É cobiçar os bens ou o afeto a que não tem direito, lutar por aquilo que não é LEGÍTIMO. Durante a Crucificação de Jesus, o cordeiro da expiação era sacrificado. E na mesma hora havia o eco de um gigantesco romance. Cantares de Salomão era lembrado por meninas que representavam a amada de cânticos dos Cânticos, a Sulamita de Salomão, correndo por entre as vinhas, em busca do amor de suas vidas, em busca do romance. As meninas cantavam, gritavam, corriam esbaforidas, lançavam olhares, paqueravam, dançavam entre as vides, em diversas vinhas em todo o Israel. Galiléia onde Jesus viveu era o palco dos antigos festivais e foi lá, na planície de Sarom, que viveu Sunamita, cuidando de uma vinha que não lhe pertencia. Em dado momento da Ceia Jesus dirá “EU SOU A VIDEIRA VERDADEIRA E MEU PAI O AGRICULTOR”. Ele é a vinha. Ele representava a Vinha na qual Salomão se apaixonou por Sunamita. O amor legítimo, a paquera, a conquista, a amizade, o afeto, é como as moças dançando a dança de Benjamim na Vinha que é Cristo. A INDIGNIDADE é quando os que deveriam se amar ARMAM armadilhas, mentem para **destruir pessoas**, por inveja, por INIMIZADE. Quando estão em busca de vantagens pessoais, por amor ao dinheiro, por querer satisfazer desejos sensuais ou qualquer que seja o objetivo, o respeito e o valor humano são jogados... no lixo. Quando *gente* quer abraçar não para se sentir amada, mas para sentir prazer. Quando ao invés de manifestar os FRUTOS DO ESPÍRITO alguém dá lugar AS OBRAS DA CARNE.
De modo resumido.

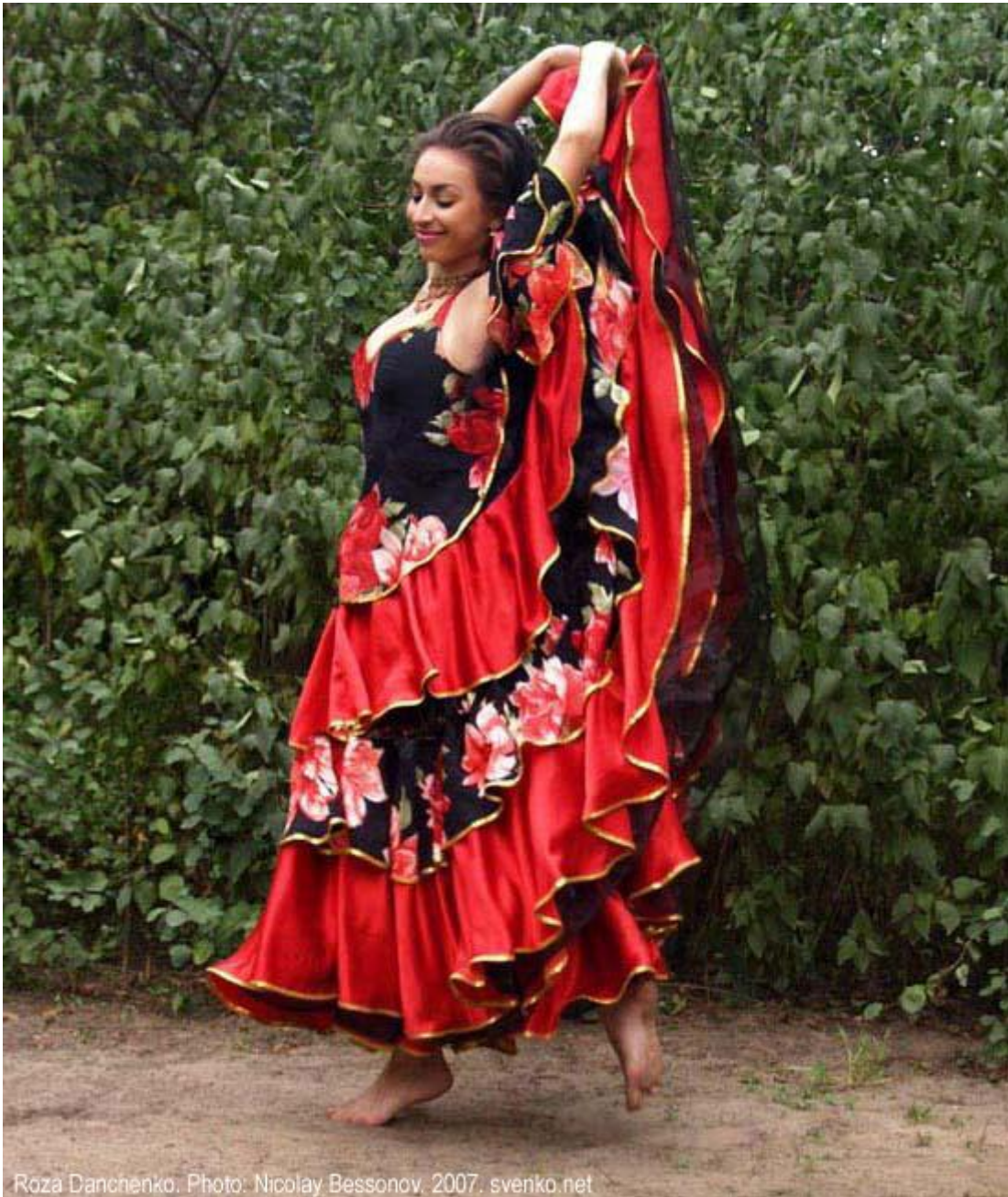
Lembre-se daquele dia em Sodoma. Um dos mais maravilhosos momentos da humanidade. Quando Ló e suas filhas riem e partem os pães para dois anjos, lhes dão vinho e estes comem em incomum comunhão. O mundo iria acabar dali a pouco. Os anjos já sabiam da aproximação das centenas de habitantes cheios de demônios que se ajuntavam indo em direção a pequena casa de Ló. Mas, por um instante lúdico, maravilhoso, homens compartilharam pão terreno com anjos celestiais.

E de todas as maravilhosíssimas experiências vividas pelos anjos,

certamente,

poucas se compararão a essa.

A lembrança inesquecível dos olhares curiosos das duas meninas, enquanto eles comem.



WELINGTON JOSÉ FERREIRA